



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL - IHCPQ
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

TAMIRIS LUCIANA QUIÉRICO

**DESAFIOS PARA IMPLEMENTAÇÃO DO NOVO ENSINO
MÉDIO: a Geografia em perspectiva na E. E. Dr. Salles
Júnior, Dourado/SP**

ITUIUTABA/MG

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL - IHCP
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TAMIRIS LUCIANA QUIÉRICO

**DESAFIOS PARA IMPLEMENTAÇÃO DO NOVO ENSINO
MÉDIO: a Geografia em perspectiva na E. E. Dr. Salles
Júnior, Dourado/SP**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Geografia do Instituto de Ciências Humanas do Pontal (ICHPO), Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como requisito para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Jeane Medeiros Silva.

ITUIUTABA/MG

2023

TAMIRIS LUCIANA QUIÉRICO

**Desafios Para Implementação Do Novo Ensino Médio: a
Geografia em perspectiva na E. E. Dr. Salles Júnior,
Dourado/SP**

Trabalho apresentado para o Exame de Defesa em 03/fevereiro/2023, pela seguinte

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Jeane Medeiros Silva

Universidade Federal de Uberlândia/Universidade Federal do Rio Grande do Norte
(Orientadora e Presidente)

Prof. Ms. Gustavo Araújo de Carvalho
Secretaria da Educação do Estado de Goiás
(Examinador externo)

Prof. Dr. Gustavo Rodrigues Barbosa
Universidade Estadual de Minas Gerais
(Examinador externo)

Profa. Ms. Josy Dayanny Alves Souza
Universidade Federal de Uberlândia
(Examinadora interna)

*À Júlia Alves de Freitas (in memoriam),
com todo meu amor e gratidão.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por sua generosidade, misericórdia e amor incondicional mesmo eu não sendo digna de tanto. Agradeço a Ele por me conceder a permissão de cursar a Geografia e por ter cuidado de mim em todo o tempo de graduação.

Aos meus pais, Clarice e Aparecido por todo apoio que lhes foi possível desprender a mim, por me mostrarem que sou digna e capaz de realizar tudo que almejo e por serem exemplo de força e honestidade. Agradeço meus irmãos Bruno e Eduardo, e a todos os meus familiares que de alguma forma me apoiaram, principalmente à tia Rita, que logo em meus primeiros anos me apresentou ao mundo da literatura, fazendo com que este fosse meu refúgio por muito tempo.

A minha grande amiga e irmã Thabitha, que junto a sua família cedeu a mim lar, proteção, alimento e incentivo para que pudesse retornar à cidade de Ituiutaba-MG e dar início a este curso.

Aos meus amigos Karolaine, Pablo, Ariadne, Murilo, Richard, Vinicius, Greice, Nelison Marconi, Victor, Aline, Priscila, Elida e todos que eu possa ter esquecido e que por diversos momentos me ofertaram o que havia de melhor em seus corações, por terem sido abrigo nos momentos que precisei, por me arrancarem sorrisos em dias de choro e terem tornado menos árdua e mais divertida a caminhada universitária.

As minhas amigas Elisangela, Sara e Vanessa por de longe me acompanharem, se preocuparem e me apoiarem em todas as decisões.

Agradeço imensamente a Universidade Federal de Uberlândia campus Pontal e ao corpo docente do curso de Geografia por todo esforço despendido a minha formação como profissional e como pessoa, principalmente à minha orientadora e tutora Dra. Jeane Medeiros por ajudar a construir este trabalho e a trilhar essa caminhada ao meu lado, também agradeço enfaticamente ao Dr. Antônio de Oliveira Júnior por encarar minha primeira orientação e por todo conhecimento construído durante nosso grupo de estudo.

Agradeço à instituição de ensino E. E. Dr. Salles Júnior e todos os seus membros por permitirem que este trabalho se desenvolvesse em suas dependências, e a tivesse

como objeto de pesquisa, e principalmente aos sujeitos que toparam colaborar diretamente com a mesma.

Agradeço a Banca Examinadora, os mestres e professores Josy e Gustavo de Carvalho e o professor Dr. Gustavo Barbosa que brevemente fizeram parte da minha trajetória acadêmica, mas que são para mim exemplos de profissionais da educação. A contribuição de vocês é de valorosa importância.

Por fim, mas não menos importante, agradeço meus amigos Black, Júlio e João Paulo por me lembrarem todos os dias que eu deveria escrever e por oferecem apoio a escrita.

“Educar é emancipar o existir humano.”

Luciano Castro Lima

RESUMO

O sistema educacional brasileiro é alvo de mudanças e reestruturações ao longo de sua história, a última, marcada pela revisão da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), em 2017, trouxe uma mudança significativa para o Ensino Médio, estabelecendo que esta etapa da educação também contaria com uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Objetivando entender a perspectiva da Geografia no que foi nomeado no estado de São Paulo como Novo Ensino Médio, foi utilizado como metodologia, no presente trabalho, a descrição e a análise do programa das Ciências Humanas, da qual a Geografia passou a fazer parte, pesquisa e estudo do processo de construção do Novo Ensino Médio, apontamento do critério de escolha e direcionamento do material didático, e estudo de caso na E. E. Dr. Salles Júnior, que está situada na cidade de Dourado (SP), através de entrevista qualitativa e acompanhamento de reunião de ATPCA de Ciências Humanas. Ao fim da pesquisa concluiu-se que a estruturação do Novo Ensino Médio não coloca em voga o ensino de Geografia, tão pouco sua ciência, mas que a falta de formação inicial e continuada concisa dos profissionais da área dificulta que o objetivo do ensino de Geografia seja alcançado nessa fase interdisciplinar.

PALAVRAS-CHAVE: BNCC, Novo Ensino Médio, Geografia, Ciências Humanas.

ABSTRACT

The Brazilian educational system has been subject to changes and restructuring throughout its history. The last one was marked by the revision of the Law of Guidelines and Base of National Education (LDB), in 2017, that brought a significant change to High School, establishing that this stage of education would also have a National Common Curriculum Base (BNCC). In this research we goals to understand the perspective of Geography in what was named in the state of São Paulo as New High School. We used as a methodology the description and analysis of the Human Sciences program, of which Geography became part, research and study of the construction process of the New Secondary School, pointing out the criteria for choosing and directing the didactic material, and a case study at E. E. Dr Salles Júnior, which is located in the city of Dourado (Brazil, São Paulo State), through a qualitative interview and follow-up of the ATPCA Human Sciences meeting. At the end of the research concluded that the structure of the New Secondary School does not put Geography teaching in vogue, nor its science, but that the lack of concise initial and continued training of professionals in the area makes it difficult for the objective of Geography teaching to achieved in this interdisciplinary phase.

KEYWORDS: BNCC, New High School, Geography, Human Sciences.

LISTA DE FIGURAS

01	Quadro Integrador dos Componentes Curriculares da Unidade “Ação Humana e suas Consequências”	37
02	Mapa de Localização do Município de Dourado-SP	40
03	Sala de Aula da E. E. Dr. Salles Júnior	41
04	Sala de Informática da E. E. Dr. Salles Júnior	41
05	Sala Multimídia E. E. Dr. Salles Júnior	42
06	Laboratório Molhado da E. E. Dr. Salles Júnior	43
07	Biblioteca Vinícius de Moraes (E. E. Dr. Salles Júnior)	44
08	Anfiteatro da E. E. Dr. Salles Júnior	44
09	Sala de convivência dos professores da E. E. Dr. Salles Júnior	45
10	Quadra Poliesportiva Coberta da E. E. Dr. Salles Júnior	46
11	Quadra Poliesportiva Descoberta da E. E. Dr. Salles Júnior	46
12	Elevador de Acesso ao Piso Superior da E. E. Dr. Salles Júnior	47
13	Refeitório da E. E. Dr. Salles Júnior	48
14	Distribuição da Carga Horária no Novo Ensino Médio na Escola PEI de 9 horas	49

LISTA DE QUADROS

01	Aprofundamentos em Ciências Humanas	35
02	Componentes Curriculares na Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.	49

LISTA DE SIGLAS

ATPC – Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo

ATPCA – Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo por Área

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CH – Ciências Humanas

CHSA – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

EF – Ensino Fundamental

EFAPE – Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação

EM – Ensino Médio

FGB – Formação Geral Básica

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira

MAPPA – Material de Apoio ao Planejamento e Práticas de Aprofundamento

PEI – Programa de Ensino Integral

PNLD – Programa Nacional do Livro e Material Didático

SEDUC-SP – Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

UC – Unidade Curricular

SUMÁRIO

Introdução	14
CAPÍTULO 01 Base Nacional Comum Curricular: a perspectiva do ensino de geografia inerente à área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	18
1.1 Competências gerais da Educação Básica	19
1.2 A concepção de Educação Integral na BNCC	22
1.3 Diversidade, igualdade, equidade e colaboração	24
1.4 A Geografia na BNCC (Ciências Humanas e Ciências Humanas e suas Tecnologias), Ensino Médio	27
1.4.1 A Geografia no Ensino Médio (Ciências Humanas e suas Tecnologias)	29
CAPÍTULO 02 Obras Didáticas Ofertadas Pela Plano Nacional Do Livro Didático (PNLD) E Secretaria Da Educação Do Estado De São Paulo (SEDUC-SP)	32
2.1 Os Materiais PNLD	32
2.2 Currículo em Ação	34
2.3 Itinerários Formativos e o MAPPA	35
CAPÍTULO 3 O Novo Ensino Médio Na E. E. Dr. Salles Júnior: estudo de caso sobre os desafios para a Geografia	39
3.1 Análise Crítica da Estrutura Física da Instituição Escolar	39
3.2. Disposição do Novo Ensino Médio na E. E. Dr. Salles Júnior	48

3.3 O Novo Ensino Médio e o Ensino de Geografia: as experiências iniciais dos professores da E. E. Dr. Salles Júnior	51
Considerações Finais	63
Referências	68
Apêndices	69
Anexos	96

INTRODUÇÃO

O sistema educacional brasileiro passou por diversas mudanças e reestruturações ao longo dos anos. Essas mudanças, por vezes estiveram relacionadas as necessidades de adequamento a questões sociais pertinentes de cada época, ou a fim de promover melhoramento na qualidade e nos índices educacionais. As mudanças concernentes a esta pesquisa se deram a partir da promulgação da revisão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 2017, onde ficou fixado que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) definiria direitos e objetivos do Ensino Médio, o que redundou na homologação do documento, refletindo no Currículo Paulista que definiu as diretrizes do chamado Novo Ensino Médio. O Ensino Médio, historicamente chamado secundário, sempre esteve à frente da formação profissional ou da preparação para o Ensino Superior, e tem sido alvo de mudanças desde os primórdios, inclusive na disciplina de geografia, a qual nem sempre fez parte do currículo desta etapa do ensino.

Nas escolas públicas brasileiras, a Geografia foi implementada no século XIX, na década de 1830, e se perpetuou na composição do quadro curricular escolar, de onde acompanhou a evolução da própria ciência geográfica e igualmente contribuiu com esta. A princípio, no final do XIX, quando passou a compor a grade das escolas como uma disciplina, almejava-se instalar o nacionalismo patriótico nos discentes, reforçar o quadro de formação científica das escolas e contribuir para a formação cultural que inseria o Brasil na tradição dos países ocidentais, ensinando aos alunos sobre características naturais e políticas do território, através das perspectivas metodológicas possíveis em cada contexto.

No Ensino Médio, como última etapa da educação básica, tem-se buscado amenizar problemas que ainda refletem processos sociais do século passado, a exemplo da evasão escolar nessa etapa do ensino e dos exames unificados, onde os alunos oriundos da rede pública¹ têm um baixo desempenho se comparados com alunos de escolas particulares. Mudanças nessa etapa da educação básica foram diversas, a última até então, que faz parte do objeto da presente pesquisa, teve seu

¹ Isenta-se desta afirmação as Escolas Federais. Segundo publicação feita pelo Jornal da USP em 2016, no ano de 2015 das cem escolas com melhor desempenho no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), três eram públicas, e todas estas federais.

início de implementação em 2021, esta foi aprovada no ano de 2018, após a homologação da atualização da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 2017, a qual foi sugerida pelo Ministério Público em 2016.

O novo modelo de Ensino Médio conta com Itinerários Formativos. Para construção destes, o Governo do Estado de São Paulo realizou, em 2019, seminários presenciais com alunos e professores da rede a fim de comunicar as mudanças previstas e coletar insumos para construção do currículo. O resultado destes seminários foi a elaboração de um documento curricular enviado à consulta pública em 2020. Segundo o Governo do Estado, foram quase 400 mil contribuições coletadas pela consulta, que foram incorporadas ao documento curricular encaminhado ao Conselho Estadual de Educação. Em 2021, realizou-se mais uma consulta a professores e estudantes, na qual se intuiu esclarecer a estrutura dos Itinerários Formativos e foram coletados insumos para a construção destes.

Todo o Ensino Médio continua contando com todos os componentes curriculares, até então obrigatórios, inclusive com a geografia, que está no foco do presente trabalho. Esta por sua vez, até 2021, assim como as outras disciplinas, era trabalhada de forma independente, mas nos últimos anos tem-se buscado a interdisciplinaridade, objetivando trabalhar de forma dialógica e interligada com as questões as quais os alunos, enquanto cidadãos e seres pensantes, vivenciam em seu dia a dia.

Interdisciplinaridade é uma metodologia que tem sido bastante discutida e buscada, a BNCC, homologada em 2018, trouxe esta como fundamental para o ensino básico, uma vez que se faz necessário a construção do conhecimento baseado na complexidade das relações sociais, fenômenos naturais e intervenção antrópica no planeta como um todo. Nesse novo modelo de ensino, tanto a formação geral básica quanto o aprofundamento proporcionado pelos Itinerários Formativos serão estruturados por áreas, estando a Geografia no bloco de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, junto a História, Filosofia e Sociologia.

A indissociabilidade de fatos sociais e naturais nos revela o quão promissor pode ser esse modelo de ensino, porém indaga-se o quanto a aprendizagem dos alunos será afetada quanto ao conteúdo específico, pois o estudante escolherá o itinerário com o qual possui maior afinidade, em detrimento da carga horária das disciplinas ofertadas atualmente. Outro ponto a ser questionado, diz respeito ao

conteúdo dos itinerários, se há real possibilidade de estimular e disponibilizar a aprendizagem de temas pertinentes à geografia dentro destes.

Para além da qualidade da formação dos estudantes, há também as questões que permeiam o trabalho dos docentes nesse novo molde. Especificamente dentro da Geografia, tem-se a muito tempo o dilema da dualidade entre as áreas física e humana da ciência, assim questiona-se como os professores de geografia da rede estão percebendo essas mudanças, o quanto suas formações lhes dão segurança para trabalhar de forma interdisciplinar e corriqueiramente específica e aprofundada nos temas geográficos.

Ao vivenciar as mudanças que estão ocorrendo no Ensino Médio público, impulsionado pelas indagações e incertezas que surgem nos corredores e bastidores da escola a respeito destas, o presente trabalho objetiva principalmente entender a perspectiva do ensino de Geografia nesse novo modelo, entender e apontar os caminhos percorridos pela SEDUC-SP para construção do Novo Ensino Médio, e descobrir os vislumbres e anseios dos atuais professores de geografia e Ciências Humanas à essa disciplina e ao EM do estado de São Paulo.

A fim de atingir tais objetivos, será realizada descrição e análise da parte de Ciências Humanas na BNCC para o EM, pesquisa e estudo do processo de construção do Novo Ensino Médio, apontamento do critério de escolha e direcionamento do material didático à escola, entrevista com os professores de geografia, demais disciplinas da área de Ciências Humanas e funcionários da gestão e acompanhamento de reunião de ATPCA de Ciências Humanas da Escola Estadual Doutor Salles Júnior, a qual está situada no município de Dourado-SP, cidade localizada na região central do estado de São Paulo e que possui, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estimativa de 8.878 habitantes e apenas uma instituição que oferta Ensino Médio. Nesta instituição, atualmente existem 225 alunos matriculados no Ensino Médio, sendo 124 matrículas do 1º e 2º anos, as quais já estão inseridos no Novo Ensino Médio. Além de estar vivenciando a transformação do Ensino Médio, a escola Dr. Salles Junior passou, no ano de 2022, ao Programa de Ensino Integral, que acrescentou novos projetos ao currículo e vivência escolar.

A entrevista foi realizada de maneira a construir um diálogo com os professores da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e com funcionários da gestão escolar da E.E. Dr. Salles Júnior acerca do Novo Ensino Médio e da Geografia dentro

dele. Para isso foram estabelecidas questões norteadoras que conduziram as entrevistas (entrevista semiestruturada), com a prioridade de que os entrevistados se sentissem à vontade para explanarem suas percepções a despeito da condução da entrevistadora (conferir Apêndice 01). Para transcrição das mesmas, foram atribuídos nomes fictícios aos entrevistados, para que assim suas identidades fossem preservadas.

CAPÍTULO 01

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: a perspectiva do ensino de geografia inerente à área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

A Constituição Federal da República do Brasil, de 1988, ao apontar a educação como direito de todos e dever do estado e da sociedade, já trazia em suas alíneas o apontamento da necessidade de uma base comum, que tivesse conteúdos mínimos, que trouxessem às escolas e às redes um caminho a ser seguido no que tange à aprendizagem dos alunos, mas que se mantivesse o respeito às características nacionais e regionais. A Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional (LDB, 1996), reafirma esse ponto da Constituição Federal da seguinte maneira (mantido na redação de 2013):

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do Ensino Médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (Brasil, redação dada pela lei 12796 de 2013)

Assim, constituiu-se a premissa para criação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A princípio, esta respaldava apenas o ensino fundamental, após discussões e a reformulação da LDB, em 2017, e da própria BNCC no mesmo ano, o Ensino Médio também passou a possuir uma base comum, o que ocorreu a partir de sua promulgação no ano seguinte, 2018.

Afim de assegurar os direitos de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos da educação básica, a BNCC se tornou o documento de caráter normativo, que busca integrar e alinhar políticas da área da educação a nível federal, estadual e municipal, para que as três esferas do governo caminhem de maneira equiparada em direção ao pleno desenvolvimento educacional, formando cidadãos críticos que possam vir atuar de forma justa, coerente e igualitária, e que saibam lidar com questões corriqueiras do cotidiano para buscar soluções concisas diante dos desafios, através de uma aprendizagem que seja nivelada nas escolas e redes de ensino.

1.1 Competências gerais da Educação Básica

Visando fomentar qualidade à Educação Básica, em todos os níveis, a BNCC traz orientações para aprendizagens essenciais, para que no decorrer da vida escolar, o alunado desenvolva 10 competências gerais. Por este documento, a competência é estabelecida

com a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (Brasil, 2018, p. 8).

As competências gerais surgem no intuito de estabelecer um direcionamento central para a criação de metodologias e currículos da Educação Básica, a fim de que todos os estados brasileiros e o Distrito Federal, construam processos de ensino e aprendizagem nivelados, para que as discrepâncias e desigualdades educacionais em todo o território sejam amenizadas, assim equiparando o nível educacional dos cidadãos brasileiros.

Em alguns pontos, podemos enxergar nas competências assuntos pelos quais a geografia possui aporte para permear, porém vêm se discutindo qual a geografia ensinada em sala de aula, e de que forma esta tem contribuído para o desenvolvimento do raciocínio geográfico. Cavalcanti (1998) questiona a estrutura ou metodologia dos livros didáticos, bem como a geografia ensinada através deles. Uma vez que a ciência, antes mesmo de sua sistematização, era construída pelas descrições e questionamentos de quem vislumbrava a paisagem.

Cavalcanti (1998) fala da necessidade de fazer com que o alunado se interesse pela geografia antes que lhe fosse apresentado o conteúdo, indagando-os ou estimulando-os a questionar suas relações sociais e modos de vida, convidando-os a vislumbrar a paisagem do espaço geográfico que habitam, para que assim os mesmos pudessem agir de forma democrática e ética no meio em que estão inseridos, a partir de categorias como espaço, território, paisagem, Estado, entre outros, afim de que essas categorias lhes deem entendimento integral do espaço geográfico, não apenas se tornando saberes cristalizados e apenas descritivos:

Sem querer negar a importância desses objetivos para o estudo de Geografia (conhecer o mundo em que vivem, localizarem alguns pontos nesse mundo, representá-lo linguisticamente e graficamente), é preciso acrescentar que sua função não se resume a eles. Tais motivos são apontados porque é próprio do cotidiano pensar o imediato, fazer juízos provisórios. Mas é necessário não se contentar com o que são, na verdade, pré-requisitos para a função mais importante da Geografia, que é formar uma consciência espacial, um raciocínio geográfico. E formar uma consciência espacial é mais do que conhecer e localizar, é analisar, é sentir, é compreender a espacialidade das práticas sociais para poder intervir nelas a partir de convicções, elevando a prática cotidiana, acima das ações particulares, ao nível do humano genérico. (Cavalcanti, 1998, p. 128).

Pode-se perceber que a Geografia há muito caminha em consonância com o que a BNCC vem trazer como competências essenciais, ressalta-se assim o quanto as categorias geográficas são imprescindíveis para que essas competências sejam atingidas.

A primeira competência² ressalta a importância de reconhecer a realidade atual e os acontecimentos através de uma ótica histórica, entendendo que os processos sociais no decorrer do tempo, foram e são fundamentais para que se compreenda as desigualdades e características da sociedade atualmente. Além da ótica histórica

² “COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA 1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. 2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas. 3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural. 4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. 5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. 6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. 7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. 8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas. 9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. 10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.”

ressaltada na primeira competência, a segunda fala da necessidade de se utilizar da abordagem própria das ciências para que possam criar soluções para problemas avistados na sociedade e no espaço que ela ocupa.

As terceira e sexta competências trazem visto à diversidade cultural e artística que se pode encontrar pelo globo, elas vêm falar da necessidade de valorização dessas diversas manifestações, e da importância do envolvimento com estas para que se possa entender e respeitar os mais variados saberes e práticas que fazem parte da sociedade, e que podem auxiliar no exercício da cidadania, escolhas e estabelecimento de projetos de vida;

A quarta aborda a necessidade de se construir uma compreensão e domínio sobre diferentes tipos de linguagens, para que se possa expressar adequadamente conforme cada situação e necessidade própria de si e do outro.

A quinta competência traz atenção para Quarta Revolução Industrial, ou Revolução Técnico Científica Informacional, que trouxe à luz tecnologias de ponta que se tornaram imprescindíveis para a velocidade de comunicação que se tem atualmente, assim, essa competência fala da necessidade de se desenvolver a capacidade de utilizar e criar ferramentas tecnológicas que não apenas aprimorem a disseminação de informações verídicas, otimizem a velocidade de comunicação, mas que também sejam passíveis e seguras para uso em ambiente escolar.

A vida em sociedade exige que o cidadão saiba se posicionar de maneira ética em relação a si, ao meio e aos outros, então as sétima e nona competências abordam a capacidade de argumentar e defender seus próprios posicionamentos e opiniões, respeitando os direitos humanos, preservando-os e fomentando-os.

Entende-se que para o exercício pleno da cidadania, ter características socioemocionais bem estruturadas sejam tão importantes quanto conhecimento técnico e científico, assim a oitava competência fala da necessidade de desenvolver nos estudantes a capacidade de compreender-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional.

A vida cidadã induz a saber viver como protagonista, então a décima e última competência geral, vem tratar da necessidade de desenvolver proatividade e o protagonismo, mas que se priorize sempre o bem comum, o bem da coletividade, respeitando os múltiplos seres.

Ao adotar o conceito de competências, a BNCC fortalece o debate pedagógico envolto do que de fato deve ser desenvolvido com o alunado, dando norteamento para que os estados e municípios brasileiros construam seus currículos, pautados no desenvolvimento do “saber”, e do “saber fazer”, assim como é ressaltado

Ao adotar esse enfoque, a BNCC indica que as decisões pedagógicas devem estar orientadas para o desenvolvimento de competências. Por meio da indicação clara do que os alunos devem “saber” (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem “saber fazer” (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho), a explicitação das competências oferece referências para o fortalecimento de ações que assegurem as aprendizagens essenciais definidas na BNCC (Brasil, 2017, p. 13).

Assim como é lembrado por Kaercher (2010, p. 224):

talvez a principal tarefa de um professor de Geografia não seja a de ensinar Geografia, mas realçar um compromisso que a ultrapassa, ou seja, fortalecer valores democráticos e éticos, a partir de nossas categorias centrais (espaço, território, Estado...) e expandirmos cada vez mais o respeito ao outro, ao diferente.

Parece que um dos maiores objetivos da escola, e também da Geografia, é formar valores: de respeito ao outro, respeito às diferenças (culturais, políticas, religiosas etc.), combate às desigualdades e às injustiças sociais.

pensar o ensino de geografia, vai muito além da sala de aula, e a atual BNCC se alinha a esta ideia, assim como fica claro nas competências supra referidas. Dentro do que cabe a Geografia como componente curricular, vale ressaltar a necessidade de que o professor crie com o alunado o entendimento da importância do espaço geográfico na organização social na qual está inserido, impulsionando-o a agir de e intervir de maneira ética com um pensamento baseado no bem coletivo.

1.2 A concepção de Educação Integral na BNCC

Atualmente, a sociedade e suas problemáticas exigem que o cidadão consiga ter uma visão ampla e interligada do contexto social, o mesmo saiba distinguir causas e buscar soluções para situações complexas, sendo inovador e inclusivo. Assim, a BNCC busca através das competências, ressaltar a importância da educação integral, para que o aluno como indivíduo possa

reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades (Brasil, 2018, p. 14).

A educação integral proposta pela BNCC, busca ultrapassar a fragmentação radical das disciplinas do conhecimento, para que assim se possa educar de modo a estimular

aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea. Isso supõe considerar as diferentes infâncias e juventudes, as diversas culturas juvenis e seu potencial de criar novas formas de existir. (Brasil, 2018, p. 14).

Haja vista que o cenário de urbanização junto a todo processo sociocultural do qual o povo brasileiro faz parte, uma parcela significativa dos estudantes das escolas públicas vivencia junto a suas comunidades desastres ambientais urbanos como enchentes e deslizamentos. Vivem a segregação socioespacial, que torna o acesso a serviços públicos uma verdadeira viagem, ou sua completa ausência. Além de nos grandes centros urbanos, conviverem com a favelização e a marginalização de alguns grupos, que por vezes são lançados a própria sorte onde a violência é instigada diariamente, seja para conseguir um prato de comida, ou para comandar/trabalhar para qualquer tipo de crime organizado. Sobre as questões de gênero, crença religiosa, racismo, desemprego entre tantas outras, faz-se necessário pensar e discutir sobre os corpos que ocupam o espaço geográfico, para isso é preciso que haja trabalhos articulados com o desenvolvimento da disciplina geográfica nas escolas.

Além de todas as intempéries do espaço geográfico, vale lembrar que quando se trata de alunos do Ensino Médio ou Novo Ensino Médio, fala-se majoritariamente de adolescentes, que estão vivenciando diversas mudanças biológicas e fisiológicas, enquanto redescobrem suas relações mais íntimas e o pertencimento em algum grupo. Então, o desenvolvimento das competências gerais estipuladas pela BNCC, converge com o discurso de pesquisados do ensino de geografia, ambos falam da

necessidade de que o conteúdo escolar seja congruente com as situações vivenciadas no cotidiano, para que possa fazer sentido ao aluno e que este consiga entender os motivos pelos quais é necessário buscar conhecimento acerca de cada tema, e o quanto isso influi no seu modo de vida, mas não há de se negar que exista uma negligência em relação à discussão ou estudo na Geografia que aborde o corpo que experencia o espaço geográfico, muitas vezes, o ser algo ou alguém não apenas determina a forma como os espaços são ocupados, mas também os impede de fazê-lo, o que levando apenas a condição social, não abarca ou explica essa complexidade.

1.3 Diversidade, igualdade, equidade e colaboração

Outro ponto bem destacado pela BNCC, fala sobre a necessidade de se buscar equidade nos processos educativos na elaboração dos currículos, para que se possa superar a exclusão, desigualdade social e educacional a qual parte significativa do povo brasileiro foi exposta por muito tempo, e que tornou comum o não acesso e a não permanência na escola e conseqüentemente a defasagem de aprendizado, conforme a raça, sexo e condição socioeconômica. Para sanar essa desigualdade

as decisões curriculares e didático-pedagógicas das Secretarias de Educação, o planejamento do trabalho anual das instituições escolares e as rotinas e os eventos do cotidiano escolar devem levar em consideração a necessidade de superação dessas desigualdades. Para isso, os sistemas e redes de ensino e as instituições escolares devem se planejar com um claro foco na equidade, que pressupõe reconhecer que as necessidades dos estudantes são diferentes (Brasil, 2018, p. 15).

Há ênfase na necessidade de adequação de currículos e práticas pedagógicas que busque equidade à grupos, que pelo histórico de colonização e escravização do Brasil, foram negligenciados e marginalizados, como é o caso dos indígenas, quilombolas e afrodescendentes. Nessa busca por equidade, destaca-se também as práticas que devem ser inclusivas e direcionadas aos estudantes com deficiência, que são respaldados pela Lei nº 13.146, de 2015.

O documento do qual aqui se trata, estabelece diretrizes para que os currículos sejam montados de maneira complementar, a fim de assegurar as aprendizagens essenciais em consonância com a realidade local, para isso aponta a necessária

colaboração entre Estados, Distrito Federal, municípios e instituições de ensino, onde cada um deve assegurar com responsabilidade o acesso à educação, a devida formação do corpo docente, a fiscalização dos estabelecimentos de ensino e o aporte técnico e de materiais adequados para respaldar propostas inovadoras.

Para atingir os objetivos, em conformidade com seus fundamentos pedagógicos, a BNCC é estruturada buscando o desenvolvimento das competências gerais a serem desenvolvidas pelos estudantes ao longo da Educação Básica em cada etapa do ensino, e aponta as habilidades a serem trabalhadas em cada ciclo escolar, conforme a faixa etária do alunado. No Ensino Infantil, a organização é em prol de que se garanta seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento, sendo eles: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. A serem explorados em cinco campos de experiências, que são: *o eu, o outro e nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.*

O último campo de experiência, o que fala sobre espaços, tempos, quantidades, relações e transformações, é uma importante base à construção do conhecimento que será estimulada nos anos seguintes. É imprescindível que o alunado tenha noção e saiba como analisar o espaço em que está inserido, que seja estimulado a manipular e observar objetos ao seu redor e reconhecer sua heterogeneidade, como a noção da dicotomia entre sociocultural e natural, as noções de tempo como dia e noite, e todas as suas transformações.

O Ensino Fundamental é dividido em Anos Iniciais e Anos Finais e, assim como no Ensino Infantil, traz uma carga de habilidades a serem desenvolvidas conforme a etapa de escolarização. Nos anos iniciais, os alunos contam com professores generalistas, que devem buscar associar os conteúdos e habilidades com a vivência do alunado, para que além da alfabetização que deve ocorrer nos dois primeiros anos, eles possam dar início a sistematização do conhecimento através de metodologias lúdicas que façam a associação com as experiências vivenciadas na escola anteriormente. No Ensino Fundamental - Anos Finais, a estrutura curricular muda significativamente, nesse momento os alunos passam a ter contato com professores especialistas, se faz necessário desenvolver estratégias pedagógicas que alinhem essas mudanças a aprendizagem desenvolvida anteriormente, para que não haja uma ruptura no processo.

Antes da reforma do Ensino Médio, esse caráter especialista tomava ainda mais ênfase nessa última fase do ensino básico, já no novo modelo, os componentes curriculares voltam a ser trabalhados em conjunto através dos itinerários formativos. Durante os dois primeiros anos do Ensino Médio, o currículo continua contando com disciplinas especialistas, no terceiro ano, a divisão acontece por áreas do conhecimento, sendo elas: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Em teoria, a partir da faixa de 14-15 anos, o aluno deve ser capaz de utilizar de todas as competências e habilidades que foram desenvolvidas desde o Ensino Infantil (quando foi ensinado a ele como aprender através da realidade que o circunda), e do Ensino Fundamental - Anos Iniciais e Finais (quando houve alfabetização do mesmo e lhe foi apresentada a sistematização do conhecimento enquanto ciência).

O desafio do Novo Ensino, ao que parece a intenção da BNCC em dividir em áreas do conhecimento, e mesmo assim mantendo disciplinas ou Itinerários Formativos na grade curricular que integrem componentes, que até então trabalhavam quase que distintos, incentivando assim a interdisciplinaridade, a integralidade e a multidisciplinaridade. Ao que aponta o documento final apresentado e homologado da BNCC, o desafio ao manter uma base comum de habilidades à serem alcançadas pelos estudantes em toda sua vida escolar básica, é que o máximo de cidadãos tenham capacidade de discernir sobre os fatos apresentados em sua paisagem, que hoje é ocupada por smartphones, computadores, informações em tempo real e mais toda dinâmica que permeia o mundo globalizado, e como se deu sua construção histórica e social. E que ele possa através das ciências da natureza e matemáticas, desenvolver soluções práticas e inovadoras para os problemas de seu cotidiano, ao bem da comunidade e do planeta em que habita. E com as disciplinas do Programa Inova Educação, que fazem parte da grade do Novo Ensino Médio desde o ano de 2019, quando começou a integrar a grade dos 1º anos de todo o estado de São Paulo, entende-se que deve-se buscar desenvolver nos estudantes a capacidade de discernir sobre suas aspirações futuras através da disciplina Projeto de Vida, e encontrar suas vocações conforme suas melhores aptidões através das disciplinas de Eletiva, aprendendo utilizar todo aparato tecnológico através do componente curricular, Tecnologia.

A Geografia enquanto conhecimento sistematizado, começa a ser apresentada a partir do Ensino Fundamental- Anos Iniciais e assim até os Anos Finais. com a adesão ao Novo Ensino Médio, no 2º ano, ela aparece intrínseca as UCs da área de Ciências Humanas e suas Tecnologias. Outra mudança nessa transição, se dá na forma como as habilidades são apresentadas pela BNCC nas duas etapas do ensino, enquanto no Ensino Fundamental- Anos Finais cada disciplina conta com um código de habilidade específico, na próxima etapa, agora essas habilidades também são descritas por áreas do conhecimento.

1.4 A Geografia na BNCC (Ciências Humanas e Ciências Humanas e suas Tecnologias), Ensino Médio

A Geografia começa a ser mencionada aos alunos como conhecimento sistematizado ou até mesmo ciência, pelos dizeres da BNCC, a partir do início do Ensino Fundamental - Anos Finais, quando é inserida na grade curricular como componente. O estudante até então, deve ter passado por um processo de conhecimento do espaço vivenciado, mas sem entendimento o suficiente para atrelar o termo “espaço” à uma categoria da ciência geográfica.

Ainda que comece com disciplinas especialistas, toda a estrutura de ensino é pensada por Áreas do Conhecimento, como já citado anteriormente. O componente Geografia está na área de Ciências Humanas. O contato do aluno com essa área de forma sistematizada, deve ajudá-lo a entender as dinâmicas sociais que ocorrem no espaço ao qual está inserido, assim como é ressaltado:

A abordagem das relações espaciais e o consequente desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal no ensino de Ciências Humanas devem favorecer a compreensão, pelos alunos, dos tempos sociais e da natureza e de suas relações com os espaços. A exploração das noções de espaço e tempo deve se dar por meio de diferentes linguagens, de forma a permitir que os alunos se tornem produtores e leitores de mapas dos mais variados lugares vividos, concebidos e percebidos. Na análise geográfica, os espaços percebidos, concebidos e vividos não são lineares. Portanto, é necessário romper com essa concepção para possibilitar uma leitura geo-histórica dos fatos e uma análise com abordagens históricas, sociológicas e espaciais (geográficas) simultâneas. Retomar o sentido dos espaços percebidos, concebidos e vividos nos permite reconhecer os objetos, os fenômenos e os lugares distribuídos no território e compreender os diferentes olhares para os arranjos desses objetos nos planos espaciais (Brasil, 2018, p. 353).

Fica evidente o quão importante se faz o conhecimento geográfico, na construção de uma sociedade cujos membros consigam reconhecer-se no espaço, buscar alternativas e soluções que sejam igualitárias, inclusivas e sustentáveis, principalmente quando trabalhada junto ao conhecimento histórico:

Embora o tempo, o espaço e o movimento sejam categorias básicas na área de Ciências Humanas, não se pode deixar de valorizar também a crítica sistemática à ação humana, às relações sociais e de poder e, especialmente, à produção de conhecimentos e saberes, frutos de diferentes circunstâncias históricas e espaços geográficos. O ensino de Geografia e História, ao estimular os alunos a desenvolver uma melhor compreensão do mundo, não só favorece o desenvolvimento autônomo de cada indivíduo, como também os torna aptos a uma intervenção mais responsável no mundo em que vivem. (Brasil, 2018, p. 352- 353).

Articulando-se com o as Competências Gerais, existem sete competências específicas que a área de Ciências Humanas deve garantir o desenvolvimento no Ensino Fundamental, que são:

1. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.
2. Analisar o mundo social, cultural e digital e o meio técnico-científico- - informacional com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, considerando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo.
3. Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.
4. Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
5. Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados.
6. Construir argumentos, com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, para negociar e defender ideias e opiniões que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental, exercitando a responsabilidade e o protagonismo voltados para o bem comum e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

7. Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado a localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão (Brasil, 2018, p. 257).

Ao desenvolver o raciocínio geográfico nos estudantes, espera-se que o alunado consiga compreender o mundo que está em constante mudança, tendo clara distinção dos conceitos de espaço, território, lugar, região, natureza e paisagem, para que possa entender as dinâmicas sociais e as intervenções antrópicas no meio natural.

Ao utilizar corretamente os conceitos geográficos, mobilizando o pensamento espacial e aplicando procedimentos de pesquisa e análise das informações geográficas, os alunos podem reconhecer: a desigualdade dos usos dos recursos naturais pela população mundial; o impacto da distribuição territorial em disputas geopolíticas; e a desigualdade socioeconômica da população mundial em diferentes contextos urbanos e rurais. Desse modo, a aprendizagem da Geografia favorece o reconhecimento da diversidade étnico-racial e das diferenças dos grupos sociais, com base em princípios éticos (respeito à diversidade e combate ao preconceito e à violência de qualquer natureza). Ela também estimula a capacidade de empregar o raciocínio geográfico para pensar e resolver problemas gerados na vida cotidiana, condição fundamental para o desenvolvimento das competências gerais previstas na BNCC (Brasil, 2018, p. 261).

Assim, espera-se que os estudantes cheguem ao Ensino Médio sabendo muito mais que apenas descrever os fatos e acontecimentos visíveis, dominando conceitos e complexidades que permitam uma visão crítica, ampla e inovadora do mundo e das mais diversas relações e existências do globo.

1.4.1 A Geografia no Ensino Médio (Ciências Humanas e suas Tecnologias)

Nessa etapa da Educação Básica, espera-se que os conhecimentos adquiridos durante o Ensino Fundamental, sejam consolidados e aprofundados, possibilitando que o aluno prossiga nos estudos, se assim o desejar. Reforçando uma das definições da BNCC, que é a busca pela formação geral do cidadão, respeitando e reconhecendo suas necessidades, características e possibilidades, reforçando a formação integral através da continuidade às aprendizagens desenvolvidas para o Ensino Fundamental,

galgando as habilidades e competências específicas desta etapa, às competências gerais da Educação Básica.

Para cumprimento da educação integral em consonância com a demanda de uma sociedade dinâmica, e as particularidades das comunidades em que os alunos estão inseridos, a BNCC buscou reformular a estrutura de currículo único até então utilizada, que assim como o do Ensino Fundamental - Anos Finais, era montado a partir de disciplinas especialistas. O Novo Ensino Médio traz de forma mais visível a elaboração de um currículo arquitetado através de Áreas do Conhecimento, assim como é ressaltado pelo texto da BNCC, mesmo que não haja referência direta à alguns componentes anteriores, eles ainda são considerados na hora de pensar os itinerários formativos. Visando uma estrutura flexível que possa se adequar a realidade do alunado e suas especificidades tanto particulares quanto coletivas,

O currículo do Ensino Médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino, a saber: I – linguagens e suas tecnologias; II – matemática e suas tecnologias; III – ciências da natureza e suas tecnologias; IV – ciências humanas e sociais aplicadas; V – formação técnica e profissional (Brasil, Art. 36; ênfases adicionadas) apud Brasil, 468.

Na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, foram incorporados quatro componentes curriculares: Geografia, História, Sociologia e Filosofia. Essa área no Ensino Médio, assim como no Ensino Fundamental, norteia a busca pela aprendizagem direcionada ao “desenvolvimento das competências de identificação, análise, comparação e interpretação de ideias, pensamentos, fenômenos e processos históricos, geográficos, sociais, econômicos, políticos e culturais” (BNCC, 2017, p. 472). O foco nesta etapa está direcionado ao aprendizado dos estudantes como cidadãos e suas experiências, então busca-se que os mesmos através dessa área, desenvolvam

uma leitura de mundo sustentada em uma visão crítica e contextualizada da realidade, no domínio conceitual e na elaboração e aplicação de interpretações sobre as relações, os processos e as múltiplas dimensões da existência humana (Brasil, 208, p. 472).

Ao deparar-se com as competências que são estabelecidas para área de Ciências Humanas, nesta etapa do ensino, fica perceptível que não apenas as Competências Gerais Básicas da BNCC são buscadas, como também fica palpável o quanto a geografia e as demais disciplinas da área são importantes para alcançá-las. No total são seis competências a serem desenvolvidas no Ensino Médio:

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS PARA O ENSINO MÉDIO

1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.
2. Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.
3. Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.
4. Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.
5. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.
6. Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (Brasil, 2018, p. 570).

Em todas as competências específicas da área de Ciências Humanas é possível identificar conceitos que são inerentes à ciência geográfica, desde espaço, territorialidade, meio ambiente, natureza, até os dicotômicos como ocidente/ oriente, nomadismo/ sedentarismo. Principalmente quando se fala das questões ambientais, onde dentre as disciplinas que compõem a área, a geografia é a que carrega maior aporte para abordar este tema. Então, mesmo que no Novo Ensino Médio nos 2º e 3º anos não haja o componente curricular de geografia de forma específica com essa nomenclatura, ele não deixará de fazer parte do currículo, pois dentro da área de

Ciências Humanas, as competências específicas a serem desenvolvidas mostra o quanto o raciocínio geográfico é imprescindível para alcançá-las.

CAPÍTULO 02

OBRAS DIDÁTICAS OFERTADAS PELA PLANO NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO (PNLD) E SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO (SEDUC-SP)

A Geografia tem suas transformações e adaptações narradas pela história da literatura didática, assim como é atestado por Silva (2012) em *A Bibliografia Didática De Geografia: história e pensamento do ensino geográfico no brasil (1814-1930...)*, onde aponta que “os livros didáticos organizaram uma das primeiras formas de institucionalização do saber geográfico no Brasil”. Assim, faz necessário saber como a Geografia é expressa nos materiais ofertados às disciplinas do Novo Ensino Médio, pois a mesma em determinado momento se vê atrelada as outras disciplinas da área de Ciências Humanas.

Sendo atualmente base de oferta e distribuição dos materiais didáticos utilizados em todas as instituições públicas de Educação Básica do país, o Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD) apresenta os livros e materiais que podem ser adquiridos pelas escolas para servirem de apoio ao desenvolvimento do conteúdo ministrado do decorrer do ano letivo. O PNLD, foi reformulado no ano de 2017, quando fora adicionado a sua nomenclatura o termo “material”, para que outros instrumentos, além do livro didático, pudessem ser avaliados e escolhidos pelas instituições de ensino. No caso do Novo Ensino Médio implantado no estado de São Paulo, os materiais didáticos não ficam reservados ao PNLD, a SEDUC-SP, possui acervos e materiais disponibilizados em seu site, que são as principais referências a serem utilizada pelos professores. Então, neste capítulo faz-se um levantamento do material ofertado pelo PNLD e pela SEDUC-SP às disciplinas e UCs do Novo Ensino Médio.

2.1 Os Materiais PNLD

O PNLD 2021 disponibilizou para escolha das instituições de ensino, quatorze obras compostas por seis volumes, que conforme consta no Guia Digital- PNLD, seguem em consonância com a abordagem teórico metodológica utilizada pela BNCC e que embasa o Novo Ensino Médio. É também ressaltado pelo Guia, que as obras

didáticas trabalham as categorias da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: tempo e espaço; territórios e fronteiras; indivíduo, natureza, sociedade; cultura e ética; política e trabalho.

Com o intuito de trabalhar a interdisciplinaridade e a autonomia do professor quanto a abordagem dos conteúdos propostos, os seis volumes das obras selecionadas, não são sequenciais

Assim, na arquitetura da nova matriz curricular, as Obras Didáticas por Áreas do Conhecimento se destinam à etapa da *Formação Geral* e são compostas por seis volumes autocontidos (ou seja, que não são sequenciais). No contexto das CHSA, compreendem de maneira integrada os conhecimentos de Filosofia, Geografia, História e Sociologia e podem ser utilizadas em qualquer ano do Ensino Médio. Seus níveis de complexidade e de progressão da aprendizagem permitem percursos didáticos flexíveis e usos variados (Guia Digital- PNLD, 2021).

A busca pela autonomia do professor se dá pela necessidade de adaptação da ação pedagógica do mesmo conforme o contexto da comunidade escolar que integra e principalmente das diferenças existentes entre as turmas as quais leciona. O Guia ainda garante que em todas as obras diversos processos cognitivos (observação, visualização, compreensão, organização, análise, síntese, comunicação de ideias científicas) são apurados através da valorização da prática científica através das seguintes técnicas:

Revisão bibliográfica (Estado da Arte), Análise documental (princípios de análise de discurso), Construção e uso de amostragens, Construção e uso de questionários, Estudo de caso, Estudo de recepção (de obras de arte e de produtos da indústria cultural), Observação, tomada de nota e construção de relatórios, Entrevistas (com destaque para a semiestruturada), Grupo Focal, Análise de mídias tradicionais (princípios de análise de discurso multimodal), Análise de mídias sociais (análise das métricas das mídias e princípios de análise de discurso multimodal), e Pesquisa-ação (Guia PNLD, 2021).

É notório que o Guia fora pensado em consonância com a BNCC, pois busca-se com as obras didáticas a formação multidimensional do alunado, assentada em bases confiáveis da perspectiva científica, para que atinja o objetivo de desenvolver seu máximo potencial. Para seleção das obras disponibilizadas para escolha da escola, como consta nos apêndices, foram utilizados critérios eliminatórios específicos

que avaliaram o Manual do Professor, Manual Digital do Professor e o Livro do Estudante.

Mesmo não havendo menção específica a Geografia, ou a todas suas categorias de análise diretamente, percebe-se que a avaliação das obras tomou como base os preceitos da BNCC, a fim de que através de habilidades trabalhadas se atinja o desenvolvimento das competências gerais e das específicas. Então, entende-se que o PNLD buscou escolher obras que também abordassem conteúdos geográficos, uma vez que uma vez que as categorias gerais das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas foram ponto central de escolha.

2.2 Currículo em Ação

A Secretaria de Educação do estado de São Paulo tendo como base a BNCC, montou junto a instituições públicas, privadas e a comunidade escolar um currículo para ser trabalhado dentro das escolas de Educação Básica do estado. O Currículo Paulista, como foi nomeado, na etapa do Ensino Médio, além de definir as aprendizagens que devem ser garantidas ao alunado, formação continuada aos professores, também garante a disponibilização de material didático conforme este currículo, garantindo as aprendizagens referentes a regionalidade do estado de São Paulo, tentando assim garantir aos estudantes familiaridade com o conteúdo. Além de ofertar o material físico, a SEDUC também oferece o material de apoio de forma digital, onde é disponibilizado em um site o material dos alunos e dos professores.

Diferente dos materiais atualmente ofertados pelo PNLD, os materiais da SEDUC-SP contam com conteúdo exclusivo de cada disciplina, são divididos também por área, mas cada material tem a parte específica de cada disciplina. O material do componente curricular de geografia divide a obra com História, Filosofia, Sociologia e as disciplinas Tecnologia e Inovação e Projeto de Vida que fazem parte do Inova Educação, e para cada semestre há uma obra subdivida em dois bimestres dentro de cada disciplina.

Outro material disponibilizado para o EM são os Material de Apoio ao Planejamento e Práticas do Aprofundamento (MAPPA), que norteiam os Itinerários Formativos por semestre, estando divididos em Unidades Curriculares.

2.3 Itinerários Formativos e o MAPPA

A fim de atender o que ficou estabelecido pela BNCC para o Ensino Médio, a SEDUC - SP, e buscando atender as especificidades do alunado paulista, em 2019 realizou seminários para apresentar as mudanças necessárias, e definiu após consulta, o Currículo Paulista destinado à última etapa da Educação Básica, que foi aprovado em 29 de julho de 2020 (São Paulo, 2020). O material didático que derivou disto, foi o Currículo em Ação. Este é integralmente destinado à Formação Geral Básica e os Componentes do Inova Educação, onde a disciplina geografia, assim como as demais, é apresentada de forma individual, mas não desassociada, já que no Novo Ensino Médio as disciplinas e as habilidades a serem trabalhadas em cada uma delas são agrupadas por áreas do conhecimento, subtendendo-se assim que os conteúdos abordados dentro da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, realmente estão interligados, assim como orienta a BNCC.

QUADRO 1: Aprofundamentos em Ciências Humanas

Aprofundamentos em Ciências Humanas		
Área(s) do Conhecimento	Aprofundamento	Unidade Curricular
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Linguagem suas Tecnologias	Cultura em movimento: diferentes formas de narrar a experiência humana.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Tradições e heranças culturais 2. A tecnologia nas narrativas das relações sociais 3. Compromissos com o Patrimônio cultural e ambiental 4. Representações da humanidade: teorias e práticas 5. Práticas corporais: o corpo em movimento 6. O direito a ter direitos: velhas disputas e novos olhares.
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	Superar Desafios é de Humanas.	<ol style="list-style-type: none"> 1. No mundo tudo está interligado 2. Pessoal e coletivo: repense suas atitudes 3. Em que mundo vivemos? 4. Atitudes Sustentáveis: qual é a pegada? 5. O direito a ter direitos 6. Cenários, pontes e trilhas

	Liderança e Cidadania.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Cidadania Local e Global 2. Mídias e Comunicação 3. Direito e acesso à justiça 4. Inovação e Coletividade 5. Políticas Públicas 6. Participação e Mobilização Social
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Ciências da Natureza e suas Tecnologias	A Cultura do Solo: do campo à cidade.	<ol style="list-style-type: none"> 1. O indivíduo e o ambiente 2. Ação humana e suas consequências 3. Tecnologia e sustentabilidade 4. Mundos que se conectam 5. 1Tecnologia agro: rural e urbana 6. Produção em contexto global
Matemática e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	Ciências Humanas, Arte, Matemática. #quem_divide_multiplica	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como se tornar um resolvidor de problemas? 2. Com quantas estratégias chegamos a uma solução? 3. Como se tornar um consumidor mais consciente? 4. Meio ambiente em documentário: O que você ainda não viu? 5. Quem define o que é belo? 6. Eureka! Rumo a novos desafios!

FONTE: São Paulo (2021).

As Unidades Curriculares são o que definem o que agora configura-se como Componente Curricular e integra a grade da instituição escolar. O MAPPA assume o papel de Material Didático de orientação para o professor, e nele traz todos os Componentes Curriculares. A exemplo, segue quadro integrador de uma Unidade do Aprofundamento, “A Cultura do Solo: do campo à cidade”

FIGURA 01: Quadro Integrador dos Componentes Curriculares da Unidade “Ação Humana e suas Consequências”

QUADRO INTEGRADOR

Professor, nas Atividades Integradas desta Unidade Curricular os estudantes...

FAUNA E QUALIDADE DO SOLO	FENÔMENOS ONDULATÓRIOS	ESTUDO E CONSERVAÇÃO DOS SOLOS	PROCESSOS QUÍMICOS E A FERTILIDADE DO SOLO	SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL
Mobilizar e sistematizar conhecimentos prévios sobre o solo. Debater acerca das ações de manejo.	Compreender a importância de fazer um planejamento adequado do uso do solo, antes de qualquer interferência antrópica.	ATIVIDADE 1 Compreender os processos de formação do solo.	Investigar e analisar a saúde do solo. Entrevistar profissionais que trabalham com o solo.	Construir coletivamente repertório conceitual sobre desenvolvimento, e aplicá-lo para análise de situações cotidianas.
Analisar, identificar e investigar as características e funções da fauna do solo.	Analisar e investigar conceitos da ondulatoria, para auxiliar na compreensão do funcionamento do GPR.	ATIVIDADE 2 Discutir os processos de degradação do solo e os impactos causados na sociedade.	Investigar e analisar os efeitos da deficiência de nutrientes das plantas. Levantar hipóteses, observações e análises sobre as situações-problema apresentadas nos três casos estudados.	Amplicar o repertório conceitual sobre o desenvolvimento, compreendendo suas dimensões local e territorial, e aplicá-lo para análise de situações cotidianas.
Investigar e analisar a mesofauna e demais componentes da fauna ecáfica, e sua relação com a qualidade do solo.	Analisar as Leis de Reflexão e Refração das ondas Eletromagnéticas, por meio da metodologia ativa <i>Jigsaw</i> .	ATIVIDADE 3 Compreender o conceito de serviços ambientais e serviços ecossistêmicos prestados pelos solos.	Investigar e analisar a necessidade do uso de fertilizantes para o aumento da produtividade de alimentos.	Analisar o processo do “Ciclo de Políticas Públicas”, e construir soluções para problemas públicos relacionados ao Desenvolvimento Local e Territorial no território em que vivem.
Construção de composteira. Reconhecer a importância e aplicação da fauna edáfica em práticas sustentáveis.	Elaborar artigo de opinião sobre quais as problemáticas atuais relacionadas ao mau uso do solo, que o GPR pode ajudar a resolver.	ATIVIDADE 4 Investigar formas de mitigação dos problemas ambientais e de conservação dos solos.	Investigar a degradação do solo e relacionar as ações antrópicas com as mudanças climáticas.	Implementar e avaliar solução construída para o problema público relacionado ao desenvolvimento local e territorial no território em que vivem.
ATIVIDADE 5 Produção audiovisual, de um relatório de sistematização dos experimentos realizados, vivenciados em todos os componentes desta Unidade Curricular. Organização de um evento de encerramento ao final do semestre, para que o trabalho seja divulgado à comunidade escolar.				

FONTE: São Paulo, (2021)

Como já explanado anteriormente, as escolas do estado de São Paulo receberam materiais didáticos diretamente da SEDUC-SP, sendo o Currículo em Ação e o MAPPA, que são comuns a todas as instituições públicas de ensino de acordo com a etapa da educação ofertada pela instituição. Porém os MAPPAs passam a ser

utilizados apenas a partir do 2º ano do Ensino Médio, uma vez que é neste momento que os Aprofundamentos Curriculares passam a integrar a carga horária assim como disposto na Figura 01.

Os MAPPAs são utilizados nas aulas do Aprofundamento Curricular das quatro áreas do conhecimento; o Aprofundamento por sua vez traz 11 Unidades Curriculares, a qual o aluno participa conforme a escolha da área de aprofundamento feita no 1º Ano do Novo Ensino Médio. Aos olhos de quem lê, a estruturação dos Aprofundamentos Curriculares induz a interdisciplinaridade não apenas dentro da mesma área do conhecimento, mas também entre as diferentes áreas, assim como descrito no quadro acima, que mostra as possibilidades de aprofundamento que pode haver na escola.

CAPÍTULO 3

O NOVO ENSINO MÉDIO NA E. E. Dr. Salles Júnior: estudo de caso sobre os desafios para a Geografia

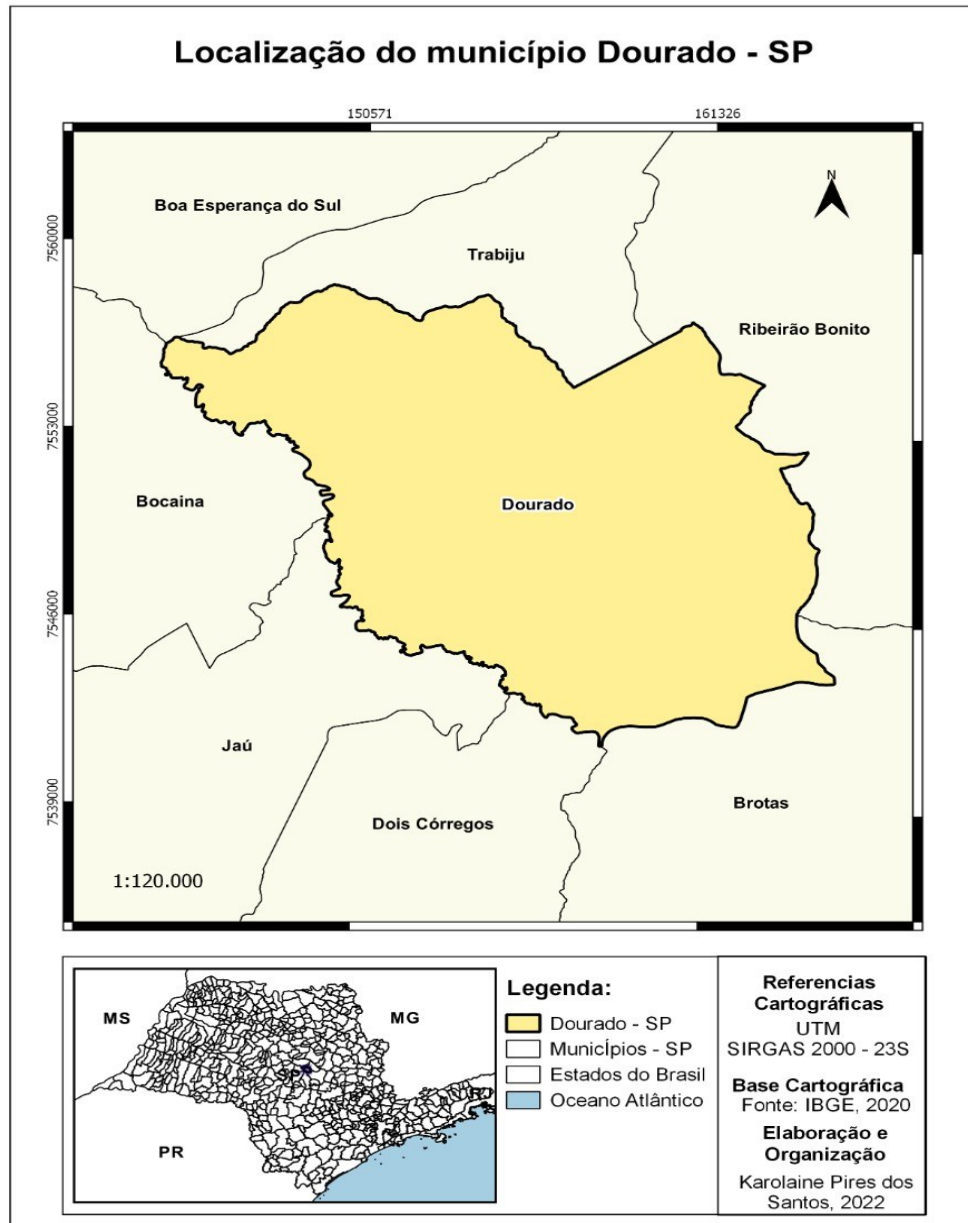
No presente trabalho, o estudo de caso foi realizado na Escola Estadual Doutor Salles Junior, esta que foi criada no ano de 1953, e era denominada Ginásio Estadual de Dourado, está localizada no município de Dourado no interior de São Paulo e faz parte da Diretoria de Ensino de São Carlos.

Segundo o IBGE, o município localizado na região central do estado, possuía no censo de 2010 uma população de 8.609 habitantes, estimando-se 8.883 para o ano de 2021, logo trata-se de um município de pequeno porte, que tem a agricultura como principal atividade econômica, e PIB per capita de R\$ 56.946,34, estando acima da média do Brasil e do estado, sendo o 1º da sua região geográfica imediata. Por se tratar de um município de pequeno porte, a demanda por escolas que ofertem EM é baixa, sendo a escola em questão a única a ofertar essa modalidade de ensino.

3.1 Análise Crítica da Estrutura Física da Instituição Escolar

A escola Dr. Salles Junior a partir do presente ano passou a integrar o Programa de Ensino Integral (PEI) e ofertar apenas EM, onde há 215 alunos com matrículas ativas, sendo 96 no 1º ano e 73 no 2º ano fazendo parte do Novo Ensino Médio e 46 no 3º ano ainda no formato antigo desta etapa do ensino. Pode-se notar que a mesma possui boa infraestrutura, contando com salas de aula amplas com janelas grandes, a maior parte das salas contam com 3 ventiladores, porém em algumas há ventiladores quebrados, assim como fica visível na seguinte imagem, cortinas e TV em todas elas, além de pé direito alto, o que facilita a circulação de ar.

FIGURA 2: Mapa de Localização do Município de Dourado-SP



Há uma sala de informática equipada com 11 desktops com bom funcionamento, quatro notebooks, um aparelho de televisão e webcam para vídeo conferências. As cadeiras são giratórias e almofadas e apresentam bom estado de conservação. Para que uma turma possa usar a sala de informática, o professor previamente deve agendar o horário desejado, mas quando se trata de trabalhos e pesquisas individuais, caso todos os computadores não estejam sendo utilizados, os alunos podem com autorização, fazer uso da mesma.

FIGURA 3: Sala de Aula da E. E. Dr. Salles Júnior



Fonte: Tamiris Luciana Quiérico, 2022.

FIGURA 4: Sala de Informática da E. E. Dr. Salles Júnior



FONTE: Tamiris Luciana Quiérico, 2022.

A sala de multimídia conta com uma tela interativa que não funciona, e de acordo com relatos, nunca foi utilizada, então a tela serve apenas para projeção do data show. Nesta sala ficam também 28 notebooks que podem ser levados para sala de aula, mas geralmente os alunos que são levados até a sala, esses notebooks são guardados em uma Plataforma de Gabinete Móvel.

FIGURA 5: Sala Multimídia E. E. Dr. Salles Júnior



FONTE: Tamiris Luciana Quiérico, 2022.

Para as práticas experimentais a escola possui um laboratório equipado com bancadas, mesas e bancos, além de matérias e ferramentas como microscópio, beakers e pipetas.

FIGURA 6: Laboratório Molhado da E. E. Dr. Salles Júnior



FONTE: Tamiris Luciana Quiérico, 2022.

Para leitura, os alunos contam com uma biblioteca com um acervo de livros clássicos e modernos, todos em bom estado de conservação e que podem ser retirados por eles o uso deste espaço é livre e pode ser utilizado por alunos e professores. A biblioteca é um ambiente organizado com mesas onde os alunos podem realizar leituras e trabalhos, decoração diversificada com representação de obras de artes e plantas e um espaço com tapete e almofadas para que os alunos possam ficar mais à vontade em seus momentos de leitura. Na imagem a seguir não é possível visualizar o tapete, porém aparecem alguns alunos fazendo uso das almofadas como encosto das cadeiras.

FIGURA 7: Biblioteca Vinícius de Moraes (E. E. Dr. Salles Júnior)



FONTE: Tamiris Luciana Quiérico, 2022.

O anfiteatro conta com camarim, palco, tela de projeção, data show e acomodação para até 300 pessoas, nele são realizadas apresentações, palestras, sessões de cinema e eventos onde quando há um alto contingente de público.

FIGURA 8: Anfiteatro da E. E. Dr. Salles Júnior



FONTE: Tamiris Luciana Quiérico, 2022.

Destinado aos professores, além de banheiros feminino e masculino de uso exclusivo destes, gestão escolar e funcionários administrativos há também a sala de convivência e a sala de estudos. A sala de convivência é destinada à descanso e alimentação dos professores, contando com sacada, mesa ampla, sofá, geladeira, aparelho micro-ondas, armários e um filtro de água.

FIGURA 9: Sala de convivência dos professores da E. E. Dr. Salles Júnior



FONTE: Tamiris Luciana Quiérico, 2022.

Para prática de esportes existem dois espaços, uma quadra poliesportiva coberta e uma quadra poliesportiva descoberta, rede para vôlei, bolas de vôlei, futsal, handebol e basquete. Quando há competições em que os alunos participam junto a outras escolas da Diretoria de Ensino de São Carlos e SEDUC-SP, a prefeitura do município empresta para escola os uniformes adequados.

A quadra descoberta não apresenta bom estado de conservação, a pintura está gasta, existe um pouco de irregularidade no piso e a traves não possuem redes, já a quadra coberta está em bom estado.

FIGURA 10: Quadra Poliesportiva Coberta da E. E. Dr. Salles Júnior



FONTE: Tamiris Luciana Quiérico, 2022.

FIGURA 11: Quadra Poliesportiva Descoberta da E. E. Dr. Salles Júnior



FONTE: Tamiris Luciana Quiérico, 2022.

No quesito acessibilidade a escola apresenta boa estrutura, além de uma cadeira de rodas para quem necessitar, em todos os ambientes em que existem diferentes níveis de piso, há rampa de acesso; há também um elevador que alunos e professores com deficiência ou redução de mobilidade podem utilizar.

FIGURA 12: Elevador de Acesso ao Piso Superior da E. E. Dr. Salles Júnior



FONTE: Tamiris Luciana Quiérico, 2022.

Existem oito televisores de 42 polegadas que foram recebidos no ano de 2021, estes são levados às salas de aula e demais ambientes conforme necessidade da comunidade escolas, sendo que cinco destes possuem fixados em si telas touchscreen que quando conectadas a um notebook ou desktop, se tornam telas interativas.

A escola conta com cozinha própria, mas devido à falta de estrutura adequada, a mesma não é utilizada para o preparo da comida dos alunos, esta é preparada e fornecida pela prefeitura da cidade, que através de um acordo com a Diretoria de Ensino de São Carlos, da qual a instituição faz parte, ficou responsável por suas dependências para elaborar o cardápio, cozinhar e levar com veículo próprio, a comida até a escola nos devidos horários, o refeitório é amplo e arejado.

FIGURA 13: Refeitório da E. E. Dr. Salles Júnior



FONTE: Tamiris Luciana Quiérico, 2022.

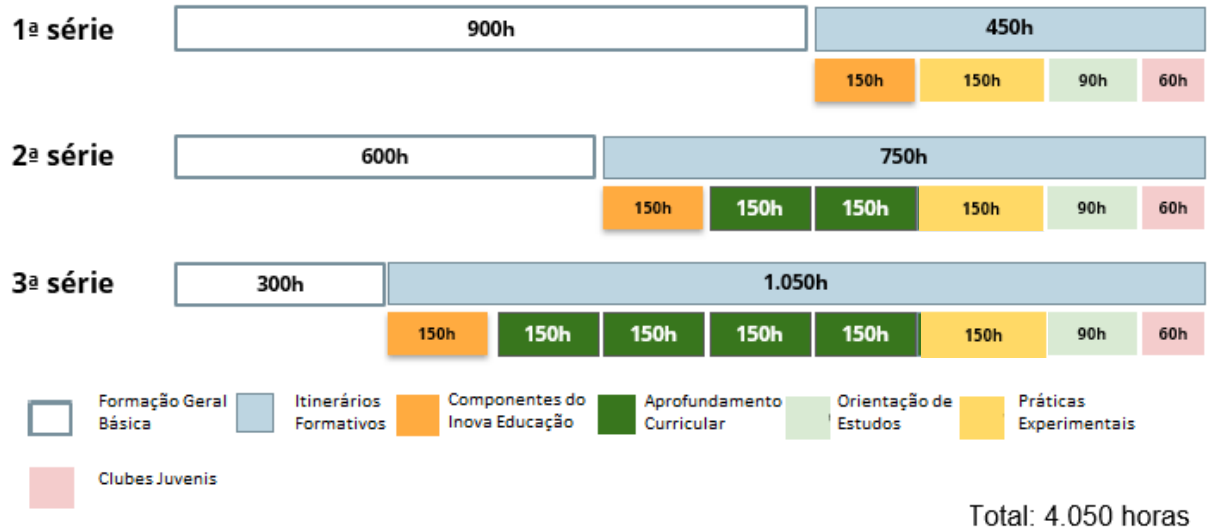
De modo geral, constatou-se que a escola possui boa infraestrutura, aparelhos tecnológicos novos e de ponta, sistema de internet wifi com velocidade de 100 megas e pontos de acesso em todos os ambientes. Porém relatos apontam que além da internet não ser o suficiente para a demanda da escola, existem problemas causados pela má qualidade ou tempo de instalação dos telhados, pois quando chove, no piso superior da escola e no pátio, há vazamento de água pelo teto, o que atrapalha o andamento das aulas, pois os alunos precisam ser remanejados para outros ambientes.

3.2. Disposição do Novo Ensino Médio na E. E. Dr. Salles Júnior

A presente escola, no ano de 2022, passou a integrar o quadro de escolas do Programa de Ensino Integral (PEI) de 9 horas, por este motivo, a mesma possui por um processo de evasão fora do comum, pois segundo relatos, muitos dos alunos precisavam trabalhar para ajudar na manutenção e provimento de seus lares. Outra mudança enfática que ocorreu neste ano, foi que a instituição, que antes ofertava também EF no horário vespertino, teve o mesmo retirado, passando assim a ofertar apenas o EM.

A distribuição da carga horária do Novo Ensino Médio para escolas PEI de 9 horas, ficou da seguinte maneira:

FIGURA 14: Distribuição da Carga Horária no Novo Ensino Médio na Escola PEI de 9 horas



FONTE: São Paulo, 2021.

No ano de finalização da incorporação do Novo Ensino Médio, 2023, a escola terá em sua grade curricular 58 componentes curriculares de Itinerários Formativos, não contando com os do Projeto Inova, sendo 26 deles de UC que estão dentro da área de CHSA.

QUADRO 2: Componentes Curriculares na Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Unidades Curriculares e seus Componentes na Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da E.E. Dr. Salles Júnior			
Série e Área do Conhecimento	Unidade Curricular	Componente Curricular	Formação/Habilitação
2º Ano/ Ciências Humanas e Sociais Aplicadas- Ciências da Natureza	UC 1- O Indivíduo e o Meio Ambiente	Do Solo à Célula.	Biologia
		Transformação de Matéria em Energia.	Física e Química
		Das Rochas ao Solo: entenda essa transformação.	Geografia
		Transformações do Solo.	Química
		Aspectos da Alimentação.	Sociologia e Geografia

	UC 2- Ação Humana e suas consequências	Fauna e Qualidade do Solo.	Biologia
		Fenômenos Ondulatórios.	Física e Química
		Estudo e Conservação dos Solos.	Geografia
		Processos químicos e a fertilidade do solo.	Química
		Sociedade e Desenvolvimento Territorial.	Sociologia e Geografia
3º Ano/ Ciências Humanas e Sociais Aplicadas- Linguagens	UC 3- Compromissos com o patrimônio ambiental	Cartografia Social e Afetiva.	Geografia e História
		Preservação e Conservação do Patrimônio Material e Imaterial.	Artes, Língua Portuguesa e História
		Esportes Radicais: trilhas e tribos.	Educação Física
		Processos de Assimilação e Aculturação.	Sociologia, Filosofia e História
	UC 4- Representações da humanidade: teorias e práticas	Oralidade e Produção Escrita: as representações do eu.	Língua Portuguesa e Filosofia
		Núcleo de Estudos: mídia hegemônica.	Língua Portuguesa e Filosofia
		Narrativas Transmídias: construindo culturas.	História e Sociologia
		Cidadania e Justiça.	Filosofia, Sociologia e História
	UC 5- Práticas Corporais: o corpo em evidência	Núcleo de Estudos: estigmas e representações do corpo na literatura.	Língua Portuguesa e Artes
		Corpo Como Expressão.	Artes, Língua Portuguesa e História
		Práticas Corporais e Culturas Juvenis.	Educação Física
		O Corpo e o Padrão Social.	Sociologia, Filosofia e História
	UC6- O Direito a Ter Direitos: velhas disputas e novos olhares	O Mundo Contemporâneo e as Suas Vulnerabilidades.	Geografia e Sociologia
		Grupo de Pesquisa do Pluralismo Cultural.	Língua Portuguesa, História e Sociologia
		Direitos Que Transformam: diferenças e semelhanças nas formas de estar no mundo.	História e Geografia
		Diálogos Acerca dos Direitos.	Filosofia e Sociologia

O quadro mostra que um professor com formação ou habilitação para atuar na área de Geografia, terá além da disciplina constante na Formação Geral Básica no 1º

Ano e 2º Ano, outros 7 componentes curriculares em que lhe poderão ser atribuídos, sendo que 2 destes são destinados apenas a estes profissionais. Também é possível notar que o professor de geografia fica de fora da Unidade Curricular 4 “Representações da Humanidade”, vale ressaltar que o geógrafo Milton Santos faz um amplo debate no que tange cidadania, e sendo uma das principais referências para Geografia, deduz-se que há possibilidade do profissional formado em Geografia também ser capaz de ministrar o Componentes Curriculares que fazem parte desta Unidade. Assim também acontece na Unidade 5 “Práticas Corporais”, entendendo que o espaço geográfico é tomado por corpos individuais e coletivos, indaga-se aqui a necessidade do professor geógrafo se apropriar e também ser incluído nesta discussão, uma vez que corpos não apenas ocupam espaços, mas os transformam e integram constantemente.

3.3 O Novo Ensino Médio e o Ensino e um diálogo com o Itinerário Formativo de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: as experiências iniciais dos professores da E. E. Dr. Salles Júnior

As entrevistas realizadas se deram de maneira fluída, através de questões norteadoras que corroboraram para seu direcionamento, mas ainda priorizando os relatos e respostas dos sujeitos da pesquisa, para que de fato fosse captada a verdadeira opinião dos mesmo sobre o tema.

Os professores A e B possuem formação em Ciências Sociais, o professor C em História e Geografia, a professora D se graduou em Estudos Sociais e posteriormente fez complementação em História e Geografia além da faculdade em Pedagogia e Letras, estas duas últimas são também a área de formação da professora E.

Sobre o conhecimento da reforma do EM o professor B relata não ter tido conhecimento sobre ela até que fosse implementado o Novo Ensino Médio. Os professores A e D relatam terem ouvido rumores sobre a reforma, mas sem de fato buscarem conhecimento sobre ela, o que gerou dúvidas e questionamentos a eles em relação a quantidade de aulas que lhes seriam atribuídas e se o Novo Ensino Médio manteria as disciplinas de Ciências Humanas. Estes dois professores ao serem indagados sobre como foi a recepção por parte deles da reforma do EM e se tiveram

conhecimento sobre ela antes do Novo Ensino Médio se materializar, o Professor D fez o seguinte relato:

“Sim, tive conhecimento, mas não me atentei para ver o que exatamente seria esse Ensino Médio, só fui ver mesmo quando tive contato com o novo currículo, esses Itinerários Formativos [...] eu lembro que fiquei assustada a princípio, porque antes da gente ler e se aprofundar nisso, os boatos eram que não ia ter mais aula de sociologia, filosofia, que ia acabar e principalmente a área das Humanas seria prejudicada” (Professor D).

E o Professor A afirmou:

“Não dei tanto valor assim, para mim ia continuar a mesma coisa, e quando chegou realmente, me assustou um pouco. Porque há sempre aquela discussão ou aquela ideia de que vai diminuir humanas, vai tirar a matéria de Humanas, vai aumentar outras matérias de exatas, então eu achava que isso realmente iria se concretizar, né?! Ia se perder todas as matérias de Humanas, a gente ia ficar com 1 ou 2 aulas na semana, e ia prejudicar a formação da minha grade escola.” (Professor A).

Contrário aos professores A e D, o E diz não ter se sentido apreensivo em relação a reforma do EM, pois segundo ele, os moldes anteriores já estavam incabíveis a realidade do alunado. Porém os três afirmam terem recebido da SEDUC-SP o questionário da consulta pública que foi realizada para a construção do Novo Ensino Médio.

Entendendo que o não conhecimento conciso sobre o Novo Ensino Médio foi unânime entre os sujeitos da pesquisa, lhes foi perguntado de quais ações escolares participaram ou quais ações executaram para que fosse adquirido conhecimento sobre. De modo geral, foi respondido participaram de reuniões com a antiga gestão para informa-lhes de como se daria a implementação, mas tudo de maneira superficial, que o verdadeiro conhecimento se deu através de estudos e práticas pedagógicas diárias. Porém, o Professor B, parece ainda confundir as questões da implementação do Novo Ensino Médio com a mudança da instituição de escola regular para escola de tempo integral, isso fica evidente na seguinte fala: *“As ações escolares? Bom, do ponto de vista das ações escolares, eu procurei trabalhar mais a questão emocional dos alunos, a pedagogia da presença, e as competências socioemocionais”* (Professor B).

Sobre a familiaridade com a BNCC e o Currículo Paulista, o entrevistado Professor B, mais uma vez se mostra distante: *“Bom, ela alterou né, de dois anos para*

cá ele teve uma alteração né, mas eu acho que essa alteração a gente acaba se adaptando. [...] Não, eu não me familiarizei devido ao fato de eu achar que o ensino se tornou muito superficial” (Professor B). O Professor E também diz não estar familiarizado com a BNCC e o Currículo Paulista, justificando que seu cargo, por ser administrativo, faz com que se mantenha distante. A resposta do Professor D, mesmo sendo em sentido afirmativo, se faz vaga: *“Sim, me sinto sim. Porque não é uma coisa que você tem que ficar seguindo à risca, você tem que seguir os temas, mas tem liberdade de transformar a aula, de adequar”* (Professor D).

Em contrapartida, o Professor A diz que no ano de 2022, quando os Itinerários foram introduzidos, foi quando ele passou a estudar a BNCC e o Currículo Paulista, então agora pode afirmar que se sente familiarizado. O Professor C, diz estar familiarizado com a BNCC pois estuda a mesma para prestar concursos, e com o Currículo Paulista por recorrer a ele *“no dia a dia para dar aula, conhecer jeitos novos, conhecer as regras e tudo mais”* (Professor C).

Aos três sujeitos que ministram aulas de Geografia, foi perguntado se se sentem capacitados para ministrar essas aulas e as dos Itinerários Formativos que necessitam desta ciência como base. O Professor C é enfático e sucinto ao dizer que sim, o Professor B diz estar se capacitando, e ao ser indagado sobre a qual a forma que busca essa capacitação, disse *“Eu acho que através da leitura, eu estou tentando estudar um pouco mais o próprio Currículo, mas ainda a questão das novas tecnologias que você pode inserir, ainda eu tenho dificuldade.”* (Professor B). O Professor A, alega ter condições de ministrar aulas voltadas para área da Geografia Humana, mas que provavelmente encontraria dificuldade na área da Geografia Física:

“Capacitado? É, bom, eu acho que eu tenho condições de dar essas disciplinas. Eu só não sei dependendo do grau de especificidade, por exempli, se for muito ligado a área de sociologia eu consigo ir tranquilamente, até porque até porque a minha formação foi bastante ampla, então eu consigo. Mas se eu pego uma área, que eu não sou formado em Geografia, pego questão de estudo de rocha por exemplo, eu já não consigo, vou ter muita dificuldade. Se eu pego alguma coisa na área de História, aí essa ou muito específica talvez eu vá ter dificuldade, mas acredito que eu consiga fazer acontecer, mas eu vou ter muita dificuldade em pensar e assimilar estratégias pedagógicas para aquilo acontecer, para o aluno poder entender. (Professor A).

A BNCC e o Currículo Paulista trazem a interdisciplinaridade como um dos principais pontos de seus textos, então foi nessa perspectiva que se buscou saber se os sujeitos da pesquisa receberam algum tipo de formação sobre, entendem e

praticam ações interdisciplinares. De acordo com suas falas, não houve uma formação específica para isso, apenas o Professor C diz ter havido algo do tipo quando se refere aos cursinhos da EFAPÉ, que mesmo não sendo especificamente sobre esse tema, acaba passando por ele. Quanto às ações praticadas, os discursos se destoam, há os que pensam que esse tema já estava inserido dentro da realidade escolar do estado, a exemplo do Professor D e o Professor E que dizem o seguinte:

“O assunto interdisciplinaridade, ele já é proposto dentro da educação há 20 anos, quando a gente viu a necessidade de começar a trabalhar com um projeto, que cada projeto ele abrange várias áreas do conhecimento, na verdade é uma roupagem nova que você dá para essa questão da interdisciplinaridade dentro da BNCC, mas já é de fato um assunto antigo [...] a interdisciplinaridade ela sempre esteve como pano de fundo, a gente já vinha de fato trabalhando isso, só que eu percebi que com a BNCC você tem mais amplitude para isso” (Professor E).

“A gente foi no dia a dia entendendo, porque até o próprio Currículo Paulista antes, ele já fazia a gente ter essa interdisciplinaridade, pois tudo o que você está vendo em Geografia está interligado com História, Filosofia, em outras disciplinas da Base Comum. Então ele já veio preparando antes, mesmo sem a intenção a gente já estava preparado para isso” (Professor D).

O Professor B não deixa explícito se sua prática interdisciplinar antecede o Novo Ensino Médio, mas afirma

“É um conhecimento que a gente está se inserindo né, se relacionando nas diversas áreas né, e de uma certa forma os livros também indicam essa questão da interdisciplinaridade. E você vai relacionando a Geografia com a Sociologia, a Sociologia com a Filosofia, com a História, você vai conseguindo [...] através de textos que acabam se encaixando e se relacionando em relação aos conteúdos, no sentido de que o aluno desperte algum questionamento filosófico sobre a questão do meio ambiente, a questão da biodiversidade. Então, você consegue amarrar Geografia à questão histórica também” (Professor B).

Antes de trabalhar na rede pública de ensino, o Professor A teve experiência na rede privada, o que, segundo o mesmo, possibilitou trabalhar com a interdisciplinaridade de forma organizada e programada em conjunto com a gestão e demais professores, mas segundo ele

“Aqui no público esse trabalho ainda não existiu, interdisciplinar ele ainda não acontece, ele está lá no Currículo, é uma coisa meio que não é pensada pelos professores que ali atuam, mas sim vem de cima. Então quando você pega o Currículo, está lá tudo alinhadinho, então os professores vão ali desenvolvendo, aí você tem as reuniões para ajustar, mas não é algo construído dentro da escola, ainda não é uma coisa genuína da escola” (Professor A).

Visto que sua resposta afirmava que não havia interdisciplinaridade em suas práticas devido o contexto escolar, lhe foi perguntado se até mesmo em Itinerários Formativos, em sua opinião, havia esse distanciamento. O professor disse que sua fala anterior era referente a Formação Geral Básica, *“em Itinerário há essa conversa, há essa conversa entre elas para alinhar, até porque elas têm que acontecer de forma muito conjunta, assim, se um parar, prejudica o outro”* (Professor A).

Entendendo que o componente curricular Geografia e os componentes dos Itinerários Formativos que possuem esta como base, devem estimular e desenvolver no alunado o olhar e o pensamento geográfico, foi perguntado se os mesmos, com exceção do que possui cargo administrativo, acreditavam que as Competências e as Habilidades a serem desenvolvidas, apontadas pela BNCC e o Currículo Paulista, contribuíam para abordagem de conceitos e categorias de análise que estimulavam nos alunos a construção do olhar e do pensamento geográfico. A maioria dos entrevistados deram uma resposta afirmativa à esta pergunta, o Professor C ainda afirma que apenas o tempo não seria o suficiente para desenvolver todas as Habilidades. Apenas o Professor B respondeu de forma negativa

“Então, eu acho que através das habilidades é um movimento um pouco ao contrário do passado, que do conceito você ia à habilidade, então agora das habilidades você vai para o conceito, mas de uma certa forma você acaba partindo do mais superficial para o mais essencial. Então, em termos de você trabalhar o conceito e a categoria né, eu acho que a gente até consegue em alguns pontos de vista, mas de uma forma integrada eu acho que ainda não, é um caminhar, eu acho que depende de um tempo, até porque o aluno não se aprofunda muito na leitura, acho que não tem muita consciência do momento que ele está vivendo” (Professor B).

Sobre o material didático, foi perguntado se acreditavam que eram adequados às Habilidades e Competências a serem desenvolvidas. O Professor C e o Professor E, dizem que sim, o material é adequado. O Professor D e o Professor A, mesmo afirmando que o material é adequado, trazem a ressalva do tempo de contato com esse material como empecilho para que o mesmo seja utilizado de maneira adequada, *“Acho que de certa maneira são, mas como falei, os alunos ainda não estão preparados para isso, e a gente também ainda não está sabendo lidar. Ainda não estamos familiarizados, acredito que daqui um tempo isso vai ser mais tranquilo”* (Professor D). Analisando a fala do Professor D é possível notar sua convergência com o pensamento do Professor A, pois o mesmo também fala da necessidade do

tempo de contato com o material, porém o transfere para o estudo do material pelo professor, e não para o tempo de seu uso:

“Eu acho que os materiais eles ajudam sim. O problema que tem aí, é um problema de tempo e valorização desse tempo para o professor compreender esse material, assimilar esse material para colocar em prática. Geralmente se você for pegar uma reunião de planejamento, geralmente não é muito valorizado no sistema de educação pública, sempre vem ridicularizado como momento de conhecimento. E esse material, ele é bom, pelo pouco que eu puder ler, pelo pouco que eu pude utilizar em prática, ele é bom, só que ele não é realmente assimilado pelos professores. O professor geralmente para ficar numa área cômoda, ele pega um desses materiais aí ele dá o ano inteiro, e vai seguir com ele até o final, mas ele não sabe dialogar com os outros materiais que têm aí. Falta essa valorização desse tempo de estudo desse material” (Professor A).

Dada a diminuição do componente de Geografia na Formação Geral Básica, foi perguntado aos sujeitos da pesquisa se acreditavam que o Novo Ensino Médio fortalece ou fragiliza a geografia. O Professor D e o Professor E são enfáticos ao dizer que fortalece, sendo que o primeiro justifica devido ao aprofundamento em conceitos geográficos nos Itinerários Formativos, e o segundo fala não só do aprofundamento em um tema, mas da abrangência de conceitos que esse aprofundamento pode trazer. O Professor C traz uma opinião dual sobre o assunto, acredita que fortalece quando o aluno faz a escolha por Itinerários de Ciências Humanas, e que enfraquece quando não é essa a escolha feito por ele. O Professor afirma que há o fortalecimento desta ciência, mas que para esse fortalecimento existe uma relação direta com a atuação do profissional da educação:

“Se for falar na Geografia, na quantidade de aulas, você pode até dizer que fragiliza, você tem até um menor número de aulas de Geografia específica, mas eu acho que ele, esse Novo Ensino Médio, eu acho que ela ajuda a enriquecer a área de Geografia e as Ciências Humanas porque você traz aí além desse diálogo entre as ciências da área de Humanas, a possibilidade de conversar com outras áreas de conhecimento. Então, não acredito que a área de Geografia perca, acredito que ela ganhe, porque você passa a associar a Geografia também ao mundo da natureza, também ao mundo da matemática, que está dentro da Geografia. Então, eu acho que ela ganha, mas eu volto a falar que depende muito do trabalho do professor, e depende muito da formação do professor, se ele for muito cabeça fechada ali, ele vai prejudicar essa formação ampla do aluno” (Professor A).

O Professor B, mais uma vez teve seu discurso divergente ao de seus colegas, justificando sua opinião na superficialidade do Novo Ensino Médio afirma que *“como uma questão pessoal, eu acho que ele acaba fragilizando, mas como uma tendencia,*

só o tempo vai dizer. Mas eu acho que ele fragilizando porque ele torna de uma certa forma a aprendizagem superficial” (Professor B).

Para finalizar foi perguntado o que pensavam atualmente sobre o Novo Ensino Médio, dadas as experiências iniciais na instituição da qual fazem parte, e se tinham alguma reflexão para complementar o assunto, o Professor A trouxe à tona a necessidade da grade curricular e seus componentes serem pensados pela escola:

“Para mim é meio confuso, eu acho o Novo Ensino Médio muito bom a partir do momento que ele dá a possibilidade para o aluno de se interessar por alguma área, então eu acho interessante isso, o fato de o aluno vir sabendo que ele vai estudar algo que possa motivá-lo, entendeu? Mas eu fico ainda muito restrito, assim, muito meio com o pé atrás, porque geralmente essas áreas estão vindo de cima para baixo, eu acho que não deram um pouco de autonomia para escola pensar um projeto dela, dela compor uma grade curricular interdisciplinar que atendesse a necessidade da comunidade local. Então, as vezes vem alguma coisa de fora, de cima quer dizer, e que as vezes o que oferece ali não atende naquela localidade, e aí você começa a entrar naquele processo de acochambar, né?! De tentar dar um jeitinho, e aí eu acho que já começa a desandar [...] aí eu volto naquela questão, eu acho que é necessário um Novo Ensino Médio mais efetivo, mas é necessária uma possibilidade de formação e planejamento melhor dos professores, para tentar criar um sistema de disciplinas, sistema de aprendizagem ali que satisfazem a comunidade local em cima das Habilidade e Competências” (Professor A).

Ainda sobre a interdisciplinaridade imposta, o Professor A, faz a seguinte complementação:

“Antes eu achava que era um discurso meio tonto, mas a quantidade de disciplinas soltas, cada uma seguindo o seu rumo, em nenhum momento conversando, eu lembro que quando eu parei para pensar, entendi que isso realmente é chato. Porque eu vim desse sistema que as disciplinas não se conversavam, as vezes eu tinha uma aula de História por exemplo, Filosofia e Geografia, que elas estavam em tempos históricos diferentes ou falando coisas diferentes e que ficava mais difícil meu estudo, acho que você pensar numa interdisciplinaridade onde você consegue fazer o aluno compreender que a ciência é um todo, que tem muita coisa envolvida, muitas áreas ajudando ali, e que isso tudo ajuda ele a compreender o seu mundo e a se desenvolver como cidadão, sei lá o que seja, então é benéfico. Então, você tem que pensar num sistema desse, porque do jeito que estava antes, tudo meio solto, eu lembro que eu tinha muita dificuldade, eu escolhia as matérias preferidas, hoje os alunos escolhem áreas preferidas. É uma mudança brusca, é muito grande” (Professor A).

O Professor B é enfático em dizer que não acredita ser bom o Novo Ensino Médio por usa superficialidade ao fazer sua reflexão, e não estar em sua visão, adequado aos parâmetros dos vestibulares:

“Olha, como já dou aula há algum tempo, eu fico um pouco pessimista em relação a esse tipo de ensino, porque uma que o desemprego estrutural,

algumas carreiras vão acabar desaparecendo, acabam sendo oferecidas nesse novo ensino, e outra que ele acaba nivelando por baixo, porque muito embora precise de técnicos, enfim, eu aprendi que o interessante é se nivelar por cima, ou seja você preparar o aluno especificamente para o vestibular. Eu acho que o Novo Ensino Médio, ele não prepara o aluno para o vestibular, e inclusive não nos moldes quais já existem, mas muito embora a gente teve aí o resultado do Enem com várias questões de filosofia que foram trabalhadas aqui no Novo Ensino Médio, e também de Geografia que eu trabalhei, e que caíram muito próximas, muito parecidas com as questões que a gente trabalha aqui” (Professor B).

Ele assim como o Professor A, também fala da necessidade de formação adequada aos professores:

“Eu acabo de uma certa forma acreditando que a forma que o estado impôs, foi uma forma somente hierárquica e autoritária, cobrando e não treinando os professores. Então, eu acho que teria que ser colocado de uma forma muito mais gradual desde o EF, até antes, para que houvesse uma adaptação do aluno, porque quando você fala por exemplo de uma educação integral, para o aluno e você tornando superficial essa questão da interdisciplinaridade, quando você trabalha no texto e não se aprofunda em todas as disciplinas, eu acho que torna fragmentado isso” (Professor B).

O discurso do Professor C apresenta mais suas dúvidas que suas certezas, mas mostra que o mesmo acredita na viabilidade do Novo Ensino Médio, mas mostra uma tendência a atribuir ao alunado o fracasso da educação:

“Eu acho que o Novo Ensino Médio veio para tentar sanar alguns problemas que a gente tinha. Agora quais são eles? E estão sanando? Eu acho que o nosso problema mesmo é o desinteresse, o desinteresse dos alunos, o problema não é o currículo não. Antigamente, na minha época mesmo, nem faz tanto tempo assim, gente nem tinha livros didáticos, não chegava, não tinha apostila. Hoje é ofertado de tudo, internet na escola na minha época? Que jeito? Nunca a gente ia pensar nisso. Eu acho que a parte mais do desinteresse dos alunos. Não vejo problema no Novo Ensino Médio, ele veio trazer, tentar trazer os alunos para um futuro em cima do projeto de vida, coisa que ninguém falava o que você queria ser no futuro, agora, é um dos pontos principais dentro da escola” (Professor C).

O Professor D também aponta a postura dos alunos como algo a ser levado em consideração para que o Novo Ensino Médio dê certo, além da necessidade de formação e maior tempo de contato com o material didático ofertado:

“Eu penso que é uma proposta válida, dá para seguir, mas eu acho que falta muito comprometimento dos estudantes, eles precisam se comprometer mais, alguns professores também precisam se libertar daquele antigo ensino, que hoje em dia não cabe mais na escola, e principalmente, a gente precisa do apoio da família para ajudar a gente a seguir essa nova rota, porque está aí e não tem como voltar atrás mais. A gente vai conseguir, mas ainda vamos ter muitos obstáculos para enfrentar [...] a gente ainda vai precisar de

bastante formação, bastante contato com outras escolas e outros estados que estejam tendo a mesma experiência” (Professor D).

Afirmando ser contrário à maior das pessoas, o Professor E acredita que a reforma é positiva:

“Eu penso que a gente também está amadurecendo ainda isso, o professor está amadurecendo, a escola está amadurecendo, até porque a nossa escola ela passa por uma transformação, que toda hora eu fico frisando para o aluno, que precisa entender isso, que estão num pós pandemia, numa escola que acabou de se tornar de período integral e passando por uma reforma do EM. Então, tem coisas que eles entendem, o que é do Novo Ensino Médio e o que é da escola integral. Esse ano foi um ano realmente de adaptação para o professor, para o aluno, mas eu penso que quando todo mundo entender de fato esse processo, todo mundo vai conseguir percebê-lo com algo assim, mais positivo, mais abrangente do que era anteriormente [...] eu acho que é isso mesmo, eu considero a reforma positiva, ao contrário de muita gente, eu considero a reforma positiva” (Professor E).

Além das perguntas planejadas em roteiro, foram feitas outras indagações decorrentes das falas dos entrevistados e de dúvidas que surgiram durante o acompanhamento do ATPCA dos agentes que ministram aulas, mas essas serão abordadas no próximo subcapítulo.

3.4. Análise do ATPCA

Em teoria, o ATPCA é um momento em que os professores da mesma área, no caso de Ciências Humanas, se reúnem para fazer alinhamento de suas disciplinas e trocarem ideias sobre o conteúdos e metodologias de ensino. No ATPCA presenciado pela autora do presente trabalho, ao início o foco principal dos professores presentes se deu entorno das metodologias a serem utilizadas nas aulas de geografia.

O Professor C aponta em uma de suas falas o uso de materiais diversos para fixação e compreensão dos conteúdos.

“Sabe o que eu pensei? já preparei a aula do primeiro conteúdo lá que eu trabalhei, “regionalização do espaço mundial”, falei “Pô, então abra o mapa mundi, vocês vão regionalizar o mundo de alguma forma”. Liguei o roteador e falei: olha, tem a apostila e tem os livros para vocês pesquisarem. Aí eles foram lá e fizeram o primeiro trabalho, agora o 2º, estou falando de imigração. Então, eu agora pra amanhã eu preciso pôr o mapa de imigração, vou passar na lousa, porque tem a imigração do mundo inteiro no século XX, então eu vou por lá na televisão o mapa, daí tem uma tabela para preencher lá na postila, então eles vão preencher a tabela por exemplo, do México com Estados Unidos, do Brasil com Estados Unidos, da Europa com Estados Unidos, eles vão construir uma dessas, para pintarem dois países, o país que

tá saindo para o país que vai, para eles pesquisarem o motivo, tudo numa folha, e eu guardo a folha” (Professor C).

Ao abordarem a questões metodológicas, o Professor A é enfático em apontar a necessidade de aula diferenciada, mas sem deixar de lado o uso da lousa, pois segundo o mesmo, é necessário apontar conceitos que os alunos podem anotar em seu material, para terem como referência numa aula dialogada e durante a realização de atividades sugeridas pelo professor. Uma das maneiras sugeridas por ele, para apontamento de conceitos básicos que norteiam a aula, é a construção de Mapa Mental junto aos alunos.

Ao continuarem o assunto, fica perceptível em alguns momentos a falta de conhecimento de conceitos e nomenclaturas básicas da Geografia por parte dos professores. É mencionado pelo Professor A a necessidade de estimular e sugerir a criação de representação do espaço para que o aluno comece assimilar conceitos cartográficos, nesse momento há a confusão ou a evidência de desconhecimento de nomenclatura por parte do Professor C, que no caso, é o único que possui formação em Geografia:

“Uma professora minha, uma vez, sabe o que ela pediu para fazer? Um mapa cartográfico do caminho da minha casa até a escola. Nossa, cara, que legal! Lembro disso até hoje. Eu fui desenhando a rua, e fui escrevendo os pontos de referência, o bar do Carlão, despachante, o Correios” (Professor C).

A construção de croquis é uma metodologia viável para estimular nos aprendizes a noção de espacialidade e representação dos espaço geográfico, mas se a fala do Professor C não for uma mera confusão momentânea, mas sim um erro derivado da falta de conhecimento técnico e epistemológico, tem-se aí um problema de formação do profissional.

Ainda sobre metodologias, os mesmo apontam a necessidade de não se construir uma aula baseada somente na fala do professor, pois isso a tornaria cansativa à eles e aos alunos, principalmente no contexto de uma escola PEI, em que a permanência na instituição é de nove horas diárias.

Nesse momento há a total mudança de foco dos professores, o que até então era uma discussão de metodologias de ensino em Geografia, passar a ser um momento de desabafo, crítica ao desempenho dos alunos e apontamento de

problemas do cotidiano escolar: *“É cansativo, cara. O espaço de tempo que eu tinha, que estava lá pouco mais tranquilo, eu fui nas salas perguntando se eles tinham visto as notas, eu só peguei só B.O. de aluno. Aluno entrando em lugar que não deve.”* (Professor B). Em seguida a esta fala, são apontados a baixa frequência e o desempenho dos alunos dos 3ºs anos, que não estavam inseridos no Novo Ensino Médio:

“Você viu a sala de aula do 3º hoje? Nove alunos, e o que veio dormiu ainda na minha aula. Uma aluna que eu discuti inflação com ela hoje, foi a Florzinha³, do 3º B. Ela perguntando sobre a Venezuela “Por que teve imigração da Venezuela para cá? Por que a Venezuela é tão cara? Por que não tem dinheiro?” E isso foi a aula Geografia” (Professor C).

“Mas esse 3º B, sempre foi fraquinho em relação ao 3º A. Na verdade o 3º A também sempre foi fraquinho, é que saiu tanta gente que ficou um núcleo bom” (Professor A).

“Se sobressaem aquelas três lá” (Professor B).

“Mas você viu o resultado lá de matemática? A Lindinha saiu como baixo, então foi um problema geral do 3º” (Professor A).

Em seguida a esse diálogo, segue uma sequência de tentativa de encontrar explicação para o problema do baixo desempenho dos alunos. O Professor B, que é o mesmo que foi orientado pelo professor coordenador de área, o Professor A, a mudar sua metodologia pois os alunos estavam reclamando da falta de compreensão de sua aula, faz uma fala confusa, porém não desconexa, dos motivos que oriundam a realidade do baixo desempenho e desinteresse dos alunos, onde fica evidente sua posição apenas de vítima do sistema, e que o isenta da responsabilidade de agente transformador e incentivador:

“Então, mas veja bem, o que que dá para entender nisso? Você já tem experiência, e mesmo que ele está entrando agora, ele foi aluno e tem uma visão também. O que está dando para entender? É uma metamorfose de uma geração, que não está mais ligada, da forma pela qual estava ligada em conceitos, em situações, e que veio como fruto de uma nova tecnologia que a gente não tem resposta para isso. A gente está se ferrando, se estressando, a nossa geração é a mais sofrida de todas. Por que a gente vai passar por isso? A gente vai passar e até se adaptar nisso, essa geração que não é essa, mas que é a próxima, que a gente vai conseguir trabalhar uma questão de ética, vai existir interesse. Porque é uma geração que ela responde a toda essa loucura dessa negatividade, dessa repressão que ela sofre, com desigualdade social, capitalismo etc., ela é o que? Uma inércia, uma inércia, inércia de uma certa forma que ela tem uma violência muito forte, e quem sofre essa violência? Nós. Então a gente tem que tomar ansiolítico, estou vendo que eu vou ter que tomar um ansiolítico para dar aula” (Professor B).

³ Aos alunos citados foram atribuídos nomes fictícios para preservar suas identidades.

A partir desta fala, seguem as indagações entorno dos possíveis motivos para esta realidade, assim são apontadas diversas causas, entre elas o imediatismo de uma geração pautada pelas respostas rápidas das redes sociais, ausência da participação familiar na vida escolar do aluno por agora tanto pais quanto mães trabalharem foram de seus lares, visão dos alunos direcionada apenas aos resultados e não ao processo de construção do resultado, e em grande parte do discurso fora utilizado a comparação entre a postura/realidade dos atuais alunos a postura/realidade dos próprios professores e gerações passadas.

Ainda no limiar das comparações, ao discutirem se em algum momento os alunos “acordam” ou não, surge a seguinte fala:

“Então, mas eu acho que nem depois, eu acho que eles começam a entrar em parafuso, porque dentro dessa discussão, o que aconteceu? “O professor não foi combinado que a tarde é lúdico?”. Só que assim, você vai fazer uma pesquisa hoje, você tem as nossas startups explodindo, várias startups diferenciadas. Só que é o seguinte, as startups diferenciadas em que os caras estão ganhando dinheiro, investiu muito dinheiro. Agora, se você sair da T.I. que a teoria dele é a informática, você sair por exemplo na enfermagem, no curso enfermagem, você não tem mais nada, você não tem mais nada que vai te dar dinheiro. Então, eu não sei cara, eu não sei sensibilizar o aluno” (Professor B).

Nesse momento é lembrado pelo Professor B e pelo Professor C, o quanto a instituição em outrora tinha como tradição ter seus alunos aprovados em vestibulares sem que precisassem fazer cursinho pré-vestibular, mas que isso não é mais uma realidade, apontam inclusive o espanto pela aluna Lindinha ter obtido um baixo desempenho em uma avaliação tradicional de matemática, já que a mesma, sendo uma das melhores alunas da escola, junto a outras alunas possuem perfil para Universidade.

O Professor B ainda cita uma aluna do 2º Ano, que reclamou ter ficado com nota 4, o mesmo a justificou dizendo *“Tirou 4 porque não fez alguma coisa”* (Professor B), e seguiu o diálogo dizendo

“Aí é que está, a gestão viu que ela tem depressão, tem uns agravantes, aí no dia me chamou e falou “Dá para fazer alguma coisa?”, eu falei “Ah, mas ela não fez, ela estava com aquele grupinho que não faz nada” [...] aí eu falei para ela “Você faz parte daquele grupo”, ela “Mas eu sou quietinha”, mas estava com eles, estava sentada junto” (Professor B).

Ao analisar esta sequência surge a indagação entorno dos métodos de avaliação que são utilizados pelos professores e pela escola, pois os mesmos apontam em diversos momentos as diferenças existentes entre as gerações e seus diferentes resultados, falam da necessidade de mudança da abordagem didática e metodológica para o ensino, mas esquecem de investigar e abordar a necessidade de novos métodos de avaliação a serem utilizados. Ainda sobre a aluna Lindinha e seu mal desempenho, o Professor A salienta, *“Talvez tenha sido uma pontuação que não reflita o que ela é, e ela fez aleatoriamente ou não estava em um dia bom, ou realmente não seja tudo isso”* (Professor A).

A gravação foi encerrada pois o assunto adentrado a partir de então, além de não se fazer pertinente a presente pesquisa, apontava a conduta pessoal de sujeitos que não contribuíram diretamente com ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há de se negar no presente trabalho toda contribuição realizada por diversos pesquisadores que apontam a mercantilização, reforçada pelas últimas alterações na legislação, da educação brasileira. A lógica do mercado e do sistema capitalismo adentra o sistema educacional, proletarizando o trabalho docente e tirando do foco a formação plena dos estudantes, assim como bem reiterado por Silva e Scheibe (2017).

Ainda que no Novo Ensino Médio mantenha-se a Formação Geral Básica até o 2º Ano, aderir Itinerários Formativos, os quais os estudantes devem escolhê-los por área, os nega a possibilidade de uma formação mais ampla, o que pode vir a reforçar as desigualdades educacionais. No presente caso, ainda há o agravante da mudança da instituição de tempo regular para PEI, o que acentua ainda mais as desigualdades educacionais e acelera o processo de exclusão escolar, o que é possível assegurar pelas falas dos sujeitos da pesquisa, mas isso cabe em outro trabalho, para que o objetivo deste não se perca.

Voltando à Geografia em perspectiva, diante do acompanhamento do ATPCA de Ciências Humanas, retorna à memória algumas indagações bem-feitas por Kaercher (2010) ao tratar da estagnação da renovação do ensino de Geografia.

Será que está havendo realmente uma renovação – para melhor, com mais qualidade técnica, com maior densidade política e ética – do ensino da Geografia nas escolas do ensino fundamental e médio? Ou será que, em geral, ainda predominam aulas meramente informativas, desvinculadas da realidade dos alunos, portanto desinteressantes? (KAERCHER, 2010, p. 221).

Os professores sujeitos da pesquisa são enfáticos em apontar a postura desinteressada dos alunos e a falta de acompanhamento familiar como um dos principais problemas para o desenvolvimento da aprendizagem, o que de fato carrega sua porcentagem de responsabilidade, mas há de se entender como necessário também, que o professor rompa com a visão monótona e cristalizada de ensino, principalmente no tocante a Geografia, que como bem lembrado por Cavalcanti (1998, p.128) não basta ensinar os conceitos e categorias de análise, e somente utiliza-los para conhecer o espaço geográfico e representá-lo das mais diversas formas, mas

sim utilizá-los para construir junto ao alunado uma consciência espacial e um raciocínio geográfico, e ainda lembra que

formar um consciência espacial é mais do que conhecer e localizar, é analisar, é sentir, é compreender a espacialidade das práticas sociais para poder intervir nelas a partir de convicções, elevando a prática cotidiana, acima das ações particulares, ao nível do humano genérico. (Cavalcanti, 1998, p.128)

A superficialidade do ensino de Geografia na BNCC para o EM é inegável, mas também se tornou evidente no desenrolar do presente trabalho que uma formação técnica concisa e bem estruturada do professor de Geografia, tanto nos aspectos científicos quanto nos pedagógicos, faz-se imprescindível para construção do olhar e do pensamento geográfico no alunado dentro do Novo Ensino Médio, principalmente se tratando de uma escola que não aderiu ao ensino técnico. Os temas: Das Rochas ao Solo: entenda essa transformação; Aspectos da Alimentação; Estudo e Conservação dos Solos; Sociedade e Desenvolvimento Territorial; Cartografia Social e Afetiva; O Mundo Contemporâneo e as Suas Vulnerabilidades; Direitos Que Transformam: diferenças e semelhanças nas formas de estar no mundo. Em um primeiro momento, não parecem fragilizar a Geografia enquanto ciência, mas toda estrutura envolta da prática pedagógica, sim.

Os professores que em uma reunião de área trocaram a conversa sobre o tema das aulas de geografia para falarem sobre a proletarização do trabalho docente, o acesso a aparelhos eletrônicos e redes sociais impulsionados pela pandemia de covid, e problemas de saúde pública derivados disso, parece não terem se dado conta que não há um desses temas que a Geografia não possa conversar, ajudar entender e procurar soluções, mas para que isso aconteça, o profissional deve ter uma formação concisa pautada em estruturação de conceitos e categorias de análise que são passíveis a ciência geográfica, o que só uma boa formação profissional pode permitir que aconteça.

Conclui-se que é necessária a criação de uma política eficaz que proporcione uma melhoria e valorização da formação inicial e continuada dos professores, que haja espaço e tempo adequado para que os profissionais educadores da área de Ciência Humanas possam conversar e alinhar suas práticas sem que esqueçam das bases epistemológicas de suas formações, que cada agente apodere-se de suas

funções e não se estagne, compreenda que o mundo, os sujeitos e as sociedades estão em constante transformação e conseqüentemente a Geografia também.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 18 nov. 2021.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB**. 9394/1996. Brasília. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 17 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 17 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD 2021: Ciências Humanas – guia de livros didáticos**. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2021. Disponível em: https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2021_didatico/componente-curricular/pnld-2021-obj2-ciencias-humanas-sociais-aplicadas. Acesso em: 01 jul. 2022.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papyrus, 1998.

IBGE – Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>, Acesso em: 24 jun. 2022.

KAERCHER, Nestor André. O Gato Comeu A Geografia Crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de geografia. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Org.). **Geografia em Perspectiva**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 221-231.

SÃO PAULO. Secretaria Da Educação Do Estado De São Paulo. . **Currículo Paulista Etapa Ensino Médio**. 2020. Disponível em: <https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wp-content/uploads/2020/08/CURR%C3%8DCULO%20PAULISTA%20etapa%20Ensino%20M%C3%A9dio.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2022.

SÃO PAULO. Secretaria Da Educação Do Estado De São Paulo.. **Novo Ensino Médio SP**. Disponível em: <https://novoensinomedio.educacao.sp.gov.br/>. Acesso em: 01 jun. 2022.

SILVA, Jeane Medeiros. **A bibliografia didática de geografia: história e pensamento do ensino geográfico no brasil (1814-1930...)**. 2012. 414 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

SILVA, Monica Ribeiro da; SCHEIBE, Leda. Reforma do Ensino Médio: pragmatismo e lógica mercantil. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 11, n. 20, p. 19-31, jun. 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/35292629/Reforma_do_ensino_m%C3%A9dio_Pragmatismo_e_l%C3%B3gica_mercantil. Acesso em: 19 jan. 2023.

APÊNDICES

Apêndice 01 – Roteiro da Entrevista Semiestruturada

Roteiro da Entrevista Semiestruturada

Objetivo do instrumento: conhecer a percepção de sujeitos pedagógicos da Escola Estadual Dr. Salles Júnior sobre a implementação do Novo Ensino Médio.

- 1) Qual é a sua formação profissional?
- 2) Se ministra disciplinas, quais são elas?
- 3) Conte como foi, da sua parte, a recepção da Lei, que instituiu o Novo Ensino Médio?
- 4) Quais ações escolares você teve ou de quais ações escolares participou para compreender essa reforma?
- 5) Quanto você se sente familiarizado(a) com a BNCC e o Currículo Paulista?
- 6) Houve conhecimento e informações prévias acerca do Novo Ensino Médio antes do mesmo ser implementado?
- 7) Você acredita estar capacitado(a) para ministrar aulas de Geografia ou de Itinerário Formativo que tenham essa disciplina como base?
- 8) Como você entende e pratica ações interdisciplinares? Houve formação ou preparação para trabalhar com a interdisciplinaridade nesse Novo Ensino Médio?
- 9) Você consegue enxergar dentro das habilidades e competências a serem trabalhadas maneiras de abordar conceitos e categorias que embasam o olhar e pensamento geográfico?
- 10) Os materiais didáticos ofertados estão adequados às habilidades e competências a serem desenvolvidas?
- 11) Dadas as experiências iniciais dessa escola, o que você pensa atualmente sobre o Novo Ensino Médio?
- 12) Acredita que o Novo Ensino Médio fragiliza ou fortalece a Geografia?
- 13) Teria alguma outra reflexão ou abordagem para complementar esse tema?

Apêndice 02 – Reunião ATPCA de Ciências Humanas

Reunião ATPCA de Ciências Humanas

Objetivo do instrumento: conhecer como funciona o diálogo e planejamento entre os professores da Área de Ciências Humanas.

...

Professor A: Quando você for precisar de mapa, tem que me falar uns três dias antes para eu poder correr atrás e trazer, mapa tem que ser algo planejado. Você fala “Olha, quero trabalhar Mapa Mundi”, aí eu arrango e consigo, em cima da hora não vou conseguir.

Professor B: Bom, tudo bem. Mas por exemplo, eu posso, como eu estou fechando com o 2º Colegial “redes de comunicação”, “imigração” e “direitos humanos”, então por exemplo, eu posso fazer um mapa mundi relacionado aos lugares que têm incidência de mais, posso falar, porque já existe, mas é uma coisa muito ruim.

Professor C: Sabe o que eu pensei? já preparei a aula do primeiro conteúdo lá que eu trabalhei, “regionalização do espaço mundial”, falei “Pô, então abra o mapa mundi, vocês vão regionalizar o mundo de alguma forma”. Liguei o roteador e falei: olha, tem a apostila e tem os livros para vocês pesquisarem. Aí eles foram lá e fizeram o primeiro trabalho, agora o 2º, estou falando de imigração. Então, eu agora pra amanhã eu preciso por o mapa de imigração, vou passar na lousa, porque tem a imigração do mundo inteiro no século XX, então eu vou por lá na televisão o mapa, daí tem uma tabela para preencher lá na postila, então eles vão preencher a tabela por exemplo, do México com Estados Unidos, do Brasil com Estados Unidos, da Europa com Estados Unidos, eles vão construir uma dessas, para pintarem dois países, o país que tá saindo para o país que vai, para eles pesquisarem o motivo, tudo numa folha, e eu guardo a folha.

Professor B: É legal, porque você já consegue ensinar de fato o que que é imigração, através do processo do motivo.

Professor C: Se faz em dupla, já faz um trabalho de interpretação de texto, entendeu?

Professor A: Quanto mais você colocar eles para fazer a atividade, vira aula diferenciada, porque não é você simplesmente falar “Ah, vou sair com os moleques para o pátio”, é quanto mais você botar eles com a mão na massa.

Professor B: Na verdade você tem que acabar estimulando aquele espaço, porque por exemplo, eu tive uma situação em classe, do 2º, que as meninas em duas fizeram tudo, aí elas foram passando e todo mundo queria, e aí a hora que eu vi, eu falei “vou passar visto”, hora que chegou no final da aula, eu vi os caras correndo para copiar, aí eu passei.

Professor A: Mas tem isso. E outra coisa que eu ia falar para você usar também na lousa, é o Mapa Mental, tenta usar, o Professor C usa, eu uso as vezes também.

Professor C: Eu uso e dou para eles construir também.

Professor A: Coloca os temas coloca assim o tema, porque a molecada depois fala que não entendeu muito, eu falei “Vou falar com o Professor B, para ele construir um Mapa Mental”.

Professor B: Eu coloco o tema central e vou puxando flechas, só que eu faço assim por exemplo, se for falar em filosofia, eu não me prendo na questão da origem, eu tento retratar para a filosofia nos dias de hoje. Mas achando já que eles têm uma noção.

Professor A: Mas então, o Mapa Mental que eu falo, não é nem o divagar do seu pensamento, porque aí você vai longe. Mas assim, um Mapa Mental onde você consiga deixar claro os conceitos.

Professor B: Entendi.

Professor A: Se o Professor C vai falar de etnocentrismo, então assim, num momento da aula dele que ele tenha lá Mapa Mental explicando o que é etnocentrismo, ou se você vai dar apostila por exemplo, e apostila está em negrito filosofia medieval, você pega toca na lousa uma definição, para não ficar uma aula vaga.

Professor B: Então, mas eu faço isso, mas o que eu percebo que o que eu estou principalmente falhando, e percebo que às vezes pelo menos aqueles três ou quatro alunos entenderam, a classe

como um todo não, é o fato de que a hora que eu estou expandindo essa ideia, por exemplo da questão do tempo a hora que você sai, que você coloca aqui é o centro, a hora que você vai indo para cá, já pressupõe-se que o aluno tem alguns conhecimentos.

Professor C: Não.

Professor A: Não, mas é por isso que eu falo...

Professor C: Você tem que entrar na sala pensando que o aluno não sabe nada.

Professor B: Eu comecei a falar de religião, da questão do Monoteísmo, e quando eu falei da questão do Paganismo, a própria ideia do surgimento do Cristianismo, porque até então o Império Romano era todo pagão, e faziam homenagens aos ídolos. E quando eu falei do Paganismo, eu viajei no Paganismo, eles acham que Paganismo é uma coisa do demônio, que é um pecado, entendeu? Mas porque é uma coisa passada igrejas crentes.

Professor A: Então, mas aí antes de você entrar nessa sua divagação, tenta deixar claro na lousa alguns conceitos específicos, porque se não, eles se perdem, aí depois você termina tudo ele fala "Pô, ele falou o que?", aí não tem nada no caderno dele, e tem que ter alguma coisa que vira uma referência para ele na hora de retomar o que você falou.

Professor B: Porque ele não vai ler a apostila

Professor A: Porque falam "Vamos parar de usar a lousa", mas a lousa é importante. Tem que colocar os conceitos, tem que explicar, a gente entra na divagação, quando for falar, e questionar eles para chamar a atenção.

Professor B: Hoje eu fiz uma crítica à questão do celular. Metade da classe, eles estão usando o celular, e eu estou falando de redes, de redes sociais, agora qual que é a função do celular? Vamos discutir qual é a função do celular

Professor C mostra ao Professor A, o celular com o mapa que seria trabalhado em sua aula.

Professor C: Desculpa interromper! O mapa entra que entra em cartografia.

Professor A: Sabe o que seria legal também na cartografia? Você pedir para eles desenharem mais ou menos o espaço, sei lá, da escola no papel para dimensionar.

Professor B: A partir da realidade dele.

Professor A: Isso, nessa batida, aí ele vai desenhar um quadrado, vai desenhar aqui o pátio, aí você o manda expandir para planta da casa dele, aí ele faz um desenho do mapa de Dourado, de como ele acha que deve ser o mapa de Dourado.

Professor C: Uma professora minha, uma vez, sabe o que ela pediu para fazer? Um mapa cartográfico do caminho da minha casa até a escola. Nossa, cara, que legal! Lembro disso até hoje. Eu fui desenhando a rua, e fui escrevendo os pontos de referência, o bar do Carlão, despachante, o Correios.

Professor A: Isso, é nessas coisas que tem que fazer tramar, porque se você vai só falando, você vai cansar. Eu já estou aprendendo isso, uma aula falada, nossa, ela é cansativa, é para mim e para os alunos que estão aqui também.

Professor C: Segunda-feira eu preparei aula dos Primeiros falada, para ler um texto e discutir, cheguei em casa acabado.

Professor A: É por isso que eu bato na tecla, de colocar a molecada para tramar, para fazer atividade, porque com nove horas aqui, com o pessoal em cima da gente, você vai cansar.

Professor B: É cansativo, cara. O espaço de tempo que eu tinha, que estava lá pouco mais tranquilo, eu fui nas salas perguntando se eles tinham visto as notas, eu só peguei só B.O. de aluno. Aluno entrando em lugar que não deve.

Professor C: Você viu a sala de aula do 3º hoje? Nove alunos, e o que veio dormiu ainda na minha aula. Uma aluna que eu discuti inflação com ela hoje, foi a Florzinha, do 3º B. Ela perguntando sobre a Venezuela "Por que teve imigração da Venezuela para cá? Por que a Venezuela é tão cara? Por que não tem dinheiro? E isso foi a aula de Geografia.

Professor A: Mas esse 3º B, sempre foi fraquinho em relação ao 3º A. Na verdade o 3º A também sempre foi fraquinho, é que saiu tanta gente que ficou um núcleo bom.

Professor C: Se sobressaem aquelas três lá.

Professor A: Mas você viu o resultado lá de matemática? A Lindinha saiu como baixo, então foi um problema geral do 3º.

Professor B: Então, mas veja bem, o que dá para entender nisso? Você já tem experiência, e mesmo que ele está entrando agora, ele foi aluno e tem uma visão também. O que está dando para entender? É uma metamorfose de uma geração, que não está mais ligada, da forma pela qual estava ligada em conceitos, em situações, e que veio como fruto de uma nova tecnologia que a gente não tem resposta para isso. A gente está se ferrando, se estressando, a nossa geração é a mais sofrida de todas. Por que a gente vai passar por isso? A gente vai passar e até se adaptar nisso, essa geração que não é essa, mas que é a próxima, que a gente vai conseguir trabalhar uma questão de ética, vai existir interesse. Porque é uma geração que ela responde a toda essa loucura dessa negatividade, dessa repressão que ela sofre, com desigualdade social, capitalismo etc., ela é o que? Uma inércia, uma inércia, inércia de uma certa forma que ela tem uma violência muito forte, e quem sofre essa violência? Nós. Então a gente tem que tomar ansiolítico, estou vendo que eu vou ter que tomar um ansiolítico para dar aula.

Professor A: É, essa geração está estranha.

Professor B: Você entendeu? Você pega um pouco antes da pandemia para cá, não estava assim, cara. Já existia indícios fortes. Você lembra que a gente até conversava sobre isso? Já existia indícios fortes, mas não estava tão gritante, que eu estava achando que a pandemia, ela viesse como uma forma de ensinar para o adolescente “Eu estou dentro de casa, eu estou mais frágil de uma certa forma, mas eu vou começar a pensar no outro”, e eles não estão fazendo isso, estão fazendo ao contrário.

Professor C: Essas crianças são filhos de qual geração? Os pais têm uns quarenta e cinco. Eu não entendo, cara. São poucos pais que dão um respaldo para a criança, e uma foi uma geração tão sofrida, não foi? Tão difícil, que nasceu ali nos anos setenta, durante a ditadura militar, e agora...

Professor B: Porque essa discussão a gente também tem que fazer.

Professor A: Mas eu vejo assim, que também que é a geração que os pais mais trabalham.

Professor B: Mas eu vejo assim, eu dei aula aqui para muitos pais...

Professor A: Tanto pai quanto mãe trabalham.

Professor B: Mas isso está gerando uma neurose no mundo, entendeu? Então, por exemplo, você acha que o pai pode estar até mais sossegado porque o filho não está em casa e escola cuida. Mas não é essa ideia, o pai tem que chegar a hora que o filho chega “Oh filho, que você fez hoje?”.

Professor A: Mas a maioria dos pais não tem essa estrutura, ele está cansado, ele chega cansado.

Professor C: Meu pai terminou o colegial e foi fazer Administração, a minha mãe é analfabeta, eles não olhavam meu caderno.

Professor A: Meus pais também não terminaram os estudos e não olhavam o meu caderno, meu pai só queria que eu fosse não escola, não importava o que eu tinha aprendido e se eu tinha aprendido.

Professor B: mas eu acho que pela forma que a gente foi criado, a gente tinha uma ideia por exemplo, de ética, uma ideia de uma certa responsabilidade, até um certo medo, mesmo que fosse repressivo e ficasse na nossas cabeças, a gente tinha essa ideia de não chegar em casa com nota baixa. Mas essa geração não tem isso. A inércia dessa geração, é uma coisa assim, é uma resposta ao que eles estão vivendo, entendeu? É uma coisa complexa.

Professor C: Tipo assim, eles estão assim jogados, né? E aqui eles falam assim “Já que eu estou jogado, e minha mãe não está nem aí, então eu também estou nem aí para escola”.

Professor A: É a ideia de sucesso fácil também.

Professor B: Mas essa ideia se transpõe, pode ser dissociada.

Professor A: Eles acham que vão pegar uma ideia e ficar famoso na rede social.

Professor B: Então, mas eles jogam isso para a rede social, e aí eles são enganados.

Professor A: Eles veem lá que o Bill Gates ficou milionário porque teve uma ideia, e aí eles falam que vão ter uma ideia e ficar milionários.

Professor C: Igual o Mark Zuckerberg, eu vi que aquele filósofo famoso brasileiro lá falou, “Ai pai, o Mark Zuckerberg entrou na Harvard e saiu”, ele falou assim para ele “Mas ele entrou em Harvard, se você entrar em Harvard, você pode sair”

Professor B: Puts, verdade! (risos)

Professor A: Eles só veem o resultado final, não veem a trajetória.

Professor B: É por isso que eu estou falando que é uma metamorfose de uma civilização que ainda vai sair, vai surgir.

Professor A: Teve um aluno do ano passado que trabalhava aqui no Tiba, aí ele “Professor, peguei dois mil reais o mês passado”, estava maior felizão, aí sentei com ele, fiz a conta, da quantidade de hora que ele trabalhou com o valor de cada hora que ele trabalhou. O valor de cada hora que ele trabalhou, deu quarenta centavos, ele ficou triste, na hora.

Professor B: Mas você conseguiu mostrar o quanto o cara ganha em cima dele.

Professor A: Ele trabalhou domingo a domingo, não sei quanto tempo, em que período, eu falei “Você trabalhou na semana, a hora sua dava quarenta centavos, final de semana dava oitenta centavos” alguma coisa assim, “Então você está ganhando muito pouco independente da situação”

Professor B: Porque por exemplo, a gente voltando para essa questão da PEI, que eu acho uma coisa relevante, eu tenho conversado com os alunos agora, quando falei que a grama do vizinho não é tão verde assim, eu trabalho em um texto, e a gente chegou à conclusão de que o jovem, ele está cada vez mais imediatista, muito mais imediatista, você não tem aquele jovem que sonha em ser alguém na vida, acabou isso.

Professor A: É igual o computador, você pega e já abre um notebook, já abre um aplicativo.

Professor C: Professor A, você sempre trabalhou como professor?

Professor A: Não, já trabalhei no setor administrativo.

Professor C: Então, quando eu fiz dezoito anos eu não queria estudar, não pensava em fazer faculdade, de família pobre né, aí eu fui trabalhar na Instância, eu ganhava mil e duzentos reais por mês, trabalhava doze horas por dia com uma folga por semana. Fiz as contas, dava coisas coisa de cinco, seis reais a hora. Cara, aquilo lá me remoía, eu via meus colegas de trabalho mais novos, eu tinha já dezoito, dezenove anos, para eles mil e duzentos contos, era muita coisa. Aquilo lá me incomodava tanto, sabe? Ganhar pouco e fazer uma coisa medíocre ali, todo dia a mesma coisa.

Professor A: Ele vai normalizando.

Professor C: Cara, mas que eu nunca me senti confortável. No meu primeiro salário eu tirei carta.

Professor B: Mas eu acho que essa ambição, eles não têm.

Professor A: Não tem agora, mas depois muda.

Professor B: Então, mas eu acho que nem depois, eu acho que eles começam a entrar em parafuso, porque dentro dessa discussão, o que aconteceu? “O professor não foi combinado que a tarde é lúdico?”. Só que assim, você vai fazer uma pesquisa hoje, você tem as nossas startups explodindo, várias startups diferenciadas. Só que é o seguinte, as startups diferenciadas em que os caras estão ganhando dinheiro, investiu muito dinheiro. Agora, se você sair da T.I. que a teoria dele é a informática, você sair por exemplo na enfermagem, no curso enfermagem, você não tem mais nada, você não tem mais nada que vai te dar dinheiro. Então, eu não sei cara, eu não sei sensibilizar o aluno.

Professor A: Eu acho que eles acordam, mas não na escola, são poucos que acordam na escola.

Professor C: Eu sempre quis ser alguma coisa, mas não tinha essa compreensão de que precisava fazer alguma coisa aqui na escola, e isso faz falta, cara, principalmente a matemática. Querendo ou não faz muita falta, os alunos agora não conseguem fazer sem pegar o celular, uma continha de vezes, divisão com dois números na chave.

Professor B: Aí eu estou falando, assim, até 2015, 2016 e 2017, já tinha ali aquela meia dúzia. Dourado chegou a colocar 9 alunos na universidade sem cursinho, e por isso existe uma tradição. O dia do conselho, que veio um amigo meu aqui, o cara está dando aula numa faculdade de medicina e estudou aqui, sempre foi de família burguesa, fez cursinho e tal, mas teve gente da classe que entrou na

universidade na época sem cursinho. O que estou querendo dizer? Que isso acabou. E essa escola PEI, ela está trabalhando com um outro tipo de mercado, que é pior ainda.

Professor C: Sabe aquele moleque, Zezinho, cabeludinho que estudou aqui? Sabe o que aquele moleque virou? Professor na USP, minha idade. Esse moleque ganhou da OBMEP um dos melhores do Brasil, e era aluno daqui. Quando a gente fez um curso na USP, ele ganhou iniciação científica na USP, isso na 7ª série.

Professor A: Agora não tem mais moleque assim, é difícil de pegar.

Professor B: Mas eu fiquei triste com o que você falou da Florzinha, porque para mim ela era a melhor aluna da escola.

Professor C: É, ela estuda para caramba.

Professor A: Talvez tenha sido uma pontuação que não reflita o que ela é, e ela fez aleatoriamente ou não estava em um dia bom, ou realmente não seja isso tudo.

Professor B: Ela pergunta de livros, se você já leu esse ou aquele livro, porque ela tem influência da irmã dela, que fez USP.

Professor A: É o que a gente estava perguntando para molecada “Vocês estão realmente fazendo essas provas sério?”

Professor B: A Borboleta me deixou triste, porque estou achando que ela está desempenhando um puta trampo, mas não. A Docinho para mim já é uma aluna para universidade, a Florzinha é para universidade.

Professor A: Mas se você perguntar para Docinho se ela quer fazer alguma universidade, ela fala que não quer, está dormindo em sala de aula.

Professor B: E ela não era assim, ela discutia com a gente na aula. Eu dei aula de Filosofia para ela, daí ela perguntava, falava que estava lendo.

Professor A: Ela decaiu bastante.

Professor B: Porque veja bem, a gente está pensando em se remodelar, e eu concordo com você, porque eu falo muito e estou com problema de voz, e eu tento achar que o aluno está assimilando.

Professor A: Essa molecada nova, não está.

Professor B: Não, porque eles não leem.

Professor A: Você tem que dar o bagulho para ele ler, desenhar.

Professor B: Parece que é uma coisa assim, que por exemplo, você não vai desenvolver a sua criatividade através de uma coisa extremamente mecânica.

Professor A: E outra, ele não está lendo, ele não está fazendo, e ele não está assimilando.

Professor B: A menina deu um show comigo, ela é boa aluna, ela estava aos prantos “Como que eu tirei 4?”, eu falei “Tirou 4 porque você não fez alguma coisa”, aí eu fui lá e tive que mexer.

Professor C: O Joãozinho também, ficou com 5 na UC.

Professor A: Comigo também.

Professor C: É isso aí, está certo.

Professor B: Aí é que está, a gestão viu que ela tem depressão, tem uns agravantes, aí no dia me chamou e falou “Dá para fazer alguma coisa?”, eu falei “Ah, mas ela não fez, ela estava com aquele grupinho que não faz nada”

Professor C: No último minuto eles fizeram a recuperação, só que agora minha recuperação vai ser mais forte esse bimestre.

Professor B: Aí eu falei para ela “Você faz parte daquele grupo”, ela “Mas eu sou quietinha”, mas estava com eles, estava sentada junto.

Professor A: Eles se sentam de costas para você.

Professor B: Fizeram eu mudar a nota.

Professor A: A escola não quer saber disso, eles querem o fluxo.

Professor B: Sim, mas o que eu falei para diretora foi isso “Esse povo que vem de fora, vai chegar uma hora que não vai compensar, para isso eles ficam na cidade deles”, porque se a escola é diferenciada em alguns sentidos que compense a questão salarial, tudo bem, mas se ela não é, não compensa. Se ficar que nem a escola do João, em que a COE nem pediu licença e entrou na aula dele para fazer avaliação da aula.

Professor A: E ela não avisou e nem deu motivo?

Professor B: Não, e o João tem uma visão legal de PEI, que ele estuda o que era para ela ser, que é amarrar cidadania para tentar salvar esse planeta, mas se não acabar o capitalismo, não adianta, se não tiver uma cultura diferente, algo diferente que surge, não vai adiantar.

Professor A: Mas tem essa pressão, por exemplo, para mim e os outros coordenadores de área entrar na sala do pessoal, só que até onde eu sei, eu só faço isso se eu tiver uma orientação do que eu vou avaliar na sua aula. Eu não tenho que entrar na sua sala e ficar lá sentado, depois falar um monte de coisa sem sentido. Quando eu trabalhava nas particulares eles faziam isso, definiam comigo o que seria avaliado, eu escolhi o que seria avaliado, e depois eu recebia o feedback do que estava bom e o que precisa melhorar.

Nessa hora a gravação foi interrompida por iniciarem assuntos que não eram pertinentes à presente pesquisa.

Apêndice 03 – Entrevistas

Entrevista Professor A

Entrevistadora: Qual a sua formação profissional?

Professor A: sou formado em sociologia, na verdade sou formado em ciências sociais e sou licenciado em sociologia.

Entrevistadora: Quais disciplinas você ministra?

Professor A: Atualmente é Sociologia, mas tenho condições de dar aula também de Geografia, Filosofia e História.

Entrevistadora: Já deu aula dessas outras disciplinas?

Professor A: Já, de todas elas.

Entrevistadora: Conte como foi da sua parte a recepção da lei que instituiu o Novo Ensino Médio. Como que você recebeu? Em que momento? Foi de repente, tipo... a partir do ano do ano que vem é Novo Ensino Médio?

Professor A: foi de repente não, parece que eu... Ah! Houve uma reunião, em que foi falado que nos próximos três anos, que eu me lembro assim foi logo quando eu entrei em 2017, ia ser implantado Novo Ensino Médio. Mas até então eu não tinha noção do que era esse Novo Ensino Médio, e até então eu vi como "ah, mais uma política de educação". Não dei tanto valor assim, para mim ia continuar a mesma coisa. E quando chegou realmente, me assustou um pouco, porque há sempre aquela discussão ou aquela ideia, que vai diminuir humanas, vai tirar a matéria de humanas, vai aumentar outras matérias de exatas, então eu achava que isso realmente iria se concretizar, né?! Ia se perder todas as matérias de humanas, a gente ia ficar com uma ou 2 aulas na semana, e ia prejudicar a formação da minha grade escolar.

Entrevistadora: Então você não teve um contato com a Lei em si? Em que você pegou a Lei e falou "não, vou entender do que se trata". Ou passaram para vocês "olha, a Lei agora essa. Só falaram que ia mudar o Ensino Médio?".

Professor A: Não. Uma por culpa minha, por não me interessar e achar que ia ficar tudo na mesma, a mesma coisa, e outra havia uma preocupação minha se realmente isso iria acontecer ou não. Eu só fui ver, tentar ler alguma coisa dessa legislação, mesmo assim bem de forma superficial, quando falaram assim "olha, o ano que vem vai ser implantado, vai diminuir o número de aulas de sociologia, vai ter outras novas matérias que você pode completar na sua carga horária e assim continuar normal a sua rotina de escola".

Entrevistadora: Então, segundo o estado, segundo a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, eles falam que assim que a BNCC foi aprovada em 2017, em 2018 eles já começaram a fazer consultas públicas para ver o que que as pessoas achavam, o que elas queriam, como elas queriam que fosse adaptado esse Novo Ensino Médio. Você participou de alguma dessas consultas? Você teve conhecimento dessa consulta pública?

Professor A: Sim, eu lembro dessa consulta, eu lembro desses formulários, foram enviados, mas eu não lembro de mim respondendo, sinceramente assim, eu não lembro se eu me inteirei sobre isso. Mas que houve sim uma consulta pública, que foi passado alguma coisa, para na época nossa coordenação, para saber o nosso feedback. Eu lembro que assim, por minha culpa eu não me interessei muito por isso.

Entrevistadora: Quais ações escolares você teve ou de quais ações escolares participou para compreender essa reforma? Você já explicou um pouco.

Professor A: Eu ainda estou compreendendo essa reforma. Esse ano eu tive, por conta de cargo de coordenação de área, algumas reuniões, algumas formações na Diretoria de Ensino. Então a compreensão do que é Itinerário Formativo, depois do que é e como se aplica a essa questão do projeto de vida, da tecnologia. Então esse ano, acho que mais por conta de eu ser coordenador, eu não sei se o senhor teria essa formação como professor, eu tenho dúvidas ainda.

Entrevistadora: E os professores que você coordena não tiveram essas formações na Diretoria de Ensino?

Professor A: Não, tiveram aqueles cursos que o estado ofereceu pela EFAPE, mas eu sinceramente eu acho que ele não contempla a realidade da escola.

Entrevistadora: Agora, ainda falando dessa reforma que foi embasada pela BNCC, o quanto você se sente familiarizado com a própria BNCC e o Currículo Paulista? Quando eu falo da familiarização com a BNCC, são das dez Competências, das habilidades essenciais a serem desenvolvidas, e as específicas do Currículo Paulista também.

Professor A: Eu estou desde 2017 na área pública de ensino, na privada, nas particulares, é muito meio que já direcionado, mas você não tem muito contato com a BNCC, fica mais entre coordenação e direção. Agora, na pública eu só agora estou tendo esse contato, desde 2017, só agora que eu parei para ler a BNCC e realmente estudar a BNCC, já tive contato com a BNCC em algumas reuniões de coordenação, mas não muito aprofundada, aquela coisa de a pessoa ler, coloca, expõe, mas você não tem uma discussão sobre o que está sendo posto ali. Agora nesse ano é que eu tive um maior contato.

Entrevistadora: Você, também já falou um pouco sobre essa questão, mas vou repeti-la. Houve conhecimento e informações prévias acerca do Novo Ensino Médio antes do mesmo ser implementado?

Professor A: Houve, isso houve, existiu.

Entrevistadora: Você disse que que houve, mas que ficou com ressalvas, não procurou saber de certo o que seria, né?

Professor A: Pensei que seria mais uma mudança do ensino, então eu não dei tanto valor assim.

Entrevistadora: É, porque a gente passou por bastante.

Professor A: Mas houve sim uma informação, principalmente ali antes da pandemia, ali em 2018 e 2019 houve sim, houve bastante.

Entrevistadora: Acredita estar capacitado para ministrar aulas Geografia ou de Itinerários Formativos que tenham essa disciplina como base?

Professor A: Capacitado? É, bom, eu acho que eu tenho condições de dar essas disciplinas. Eu só não sei, dependendo é do grau de especificidade, por exemplo se for muito ligado à área de sociologia eu consigo ir tranquilamente, até porque a minha formação foi bastante ampla, então eu consigo. Mas por exemplo se eu pego uma área, que eu não sou formado em Geografia, pego questão de estudo de rochas por exemplo, eu já não consigo, vou ter muita dificuldade. Se eu pego alguma coisa na área de história, aí essa ou muito específica talvez eu vá ter dificuldade, mas acredito que eu consiga fazer acontecer, mas eu vou ter muita dificuldade em assimilar e pensar em estratégias pedagógicas para aquilo acontecer, para o aluno poder entender.

Entrevistadora: Como você entende e pratica ações interdisciplinares? Houve formação ou preparação para trabalhar com a interdisciplinaridade nesse Novo Ensino Médio? Ou só chegaram em vocês e falaram que agora é interdisciplinar?

Professor A: O único momento que eu trabalhei de forma interdisciplinar foi quando eu trabalhei numa escola chamada Sistema Marista de Ensino, foi lá em Ribeirão Preto, eles sim tinham uma proposta de formação interdisciplinar para os alunos, tanto que a primeira vez que eu fui ouvir sobre Coordenação de Humanas, foi lá, isso era 2015.

Entrevistadora: Entendo. Bem antes da BNCC do Ensino Médio ser criada.

Professor A: O Projeto de Vida por exemplo, eles tinham um Projeto de Vida, só não eram professores diversos, então era um professor específico que eles mesmo preparavam, geralmente como é uma escola de origem católica, eles eram professores ligados à pastoral deles, que tinham essa formação para dar aula de Projeto de Vida. Então foi lá que eu tive contato com esse mundo interdisciplinar, tanto que todo o projeto, toda a grade curricular ela tinha que entre as matérias andar juntinhas, se nas humanas ia falar sobre Direitos Humanos, as outras tinham que ir junto, isso tanto lá na matemática, na linguagem. Então, tinha esse trabalho, essa preocupação da direção e coordenação de lá. Aqui no público, esse trabalho ainda não existiu, interdisciplinar ele ainda não acontece, ele tá lá no currículo, é uma coisa meio que não é pensada pelos professores que ali atuam, mas sim vem de cima, então quando você pega o currículo tá lá tudo alinhadinho, então os professores vão ali desenvolvendo, e aí você tem as reuniões pra ajustar, mas não é algo construído dentro da escola, ainda não é uma coisa genuína da escola.

Entrevistadora: Como você sabe, antes da gente estar fazendo essa entrevista, eu tive contato com a Formação de Área de vocês, o ATPC de Área e uma formação na Diretoria de Ensino falando sobre o Novo Ensino Médio. E uma coisa que foi colocada na Formação da DE, é que quando a gente está

falando dos MAPPAs por exemplo, o MAPPA vai trazer um Itinerário com vários Componentes, com várias Unidades Curriculares, e diversas disciplinas participam deste, eles carregam o mesmo material. Em teoria, olhando aquele MAPPA um Componente, uma Unidade conversa com a outra. Houve essa conversa entre os Componentes e as Unidades dos Itinerários aqui dentro? Então, pelo que você está dizendo, está dando para entender que não.

Professor A: É que você está falando especificamente dos Itinerários, em Itinerário há essa conversa, há essa conversa entre elas para alinhar, até porque elas têm que acontecer de forma muito conjunta, assim, se um parar prejudica o outro, tem que ser muito junto. Mas eu estou falando na questão das matérias então regulares, a forma como elas funcionam interdisciplinar.

Entrevistadora: Sim, como entra no Novo Ensino Médio, no primeiro ano a gente tem já dividido por área as habilidades.

Professor A: Isso, e vai colocar na cabeça do professor de história que ele não tem que começar com Grécia e Roma, ele fica louco. Para ele a história começa com Grécia e Roma no primeiro ano, então agora se você for formar de maneira interdisciplinar, como é que você vai alinhar os vários temas dessas disciplinas, principalmente essas do mesmo tronco né, sociologia, história, filosofia e geografia, de uma forma que elas caminhem junto e conversem uma com a outra? Alguém 1 hora vai ter que abrir a mão daquele pensamento meio quadrado, então o Itinerário foi formado para ser interdisciplinar, então ali tem conversa, ali tem reunião, então ali até força um pouco a barra para que seja indisciplinar, mas nas outras Sociologia, História, e Geografia, você ainda tem que procurar essa interdisciplinaridade, essa aproximação entre elas.

Entrevistadora: Você consegue enxergar dentro das Habilidades e Competências a serem trabalhadas e desenvolvidas, porque até vem da própria Secretaria para a escola as Habilidades que estão em defasagem, as Habilidades que têm que ser trabalhadas com base na BNCC e no Currículo Paulista, você consegue enxergar dentro dessas Habilidades e das Competências da BNCC maneiras de abordar conceitos e categorias de análise que embasaram o olhar e o pensamento geográfico?

Professor A: Eu acredito que sim, é, tanto a Habilidade como a Competência ali, elas de alguma forma, elas estão olhando o objeto de conhecimento no conteúdo. Então eu acredito que sim, que há essa preocupação e há essa intuição também. E outra, é um pouco também que vai além do papel também, a prática do professor também, ele dentro da sala de aula, ele ajuda a colocar isso em prática.

Entrevistadora: É, até porque a própria BNCC e o Currículo Paulista também, mesmo eles dando material, falam que o professor tem que adaptar à realidade da comunidade na qual ele está atuando.

Professor A: Sim, você tem essa preocupação com o interesse, com a questão local assim.

Entrevistadora: Os materiais didáticos ofertados estão adequados às Habilidades e Competências a serem desenvolvidas? Quando eu falo dos materiais, aí eu estou falando tanto PNLD, que é na base Federal, que foram os que vieram interdisciplinares mesmo, aqueles com várias disciplinas em um só que não é uma disciplina específica e sim da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, e o Currículo em Ação junto com o MAPPA, que já são específicos do estado de São Paulo.

Professor A: Eu acho que os materiais eles ajudam sim. O problema que tem aí, é um problema de tempo e valorização desse tempo para o professor compreender esse material, assimilar esse material, para colocar em prática. Geralmente se você for pegar uma reunião de planejamento, geralmente não é muito valorizado no sistema de educação público, sempre vem ridicularizado como momento de conhecimento. E esse material ele é bom, pelo pouco que eu que eu pude ler, pelo pouco que eu pude utilizar em prática ele é bom, só que ele não é realmente assimilado pelos professores. O professor geralmente para ficar numa área cômoda, ele pega um desses materiais aí e dá o ano inteiro, e vai seguir com ele até o final, mas ele não sabe dialogar com os outros materiais que têm aí. Falta essa valorização desse tempo de estudo do material.

Entrevistadora: E você acredita que está relacionado a que exatamente essa valorização desse tempo? É ao professor saber que ele teria que ter essa formação, esse estudo prévio?

Professor A: Por exemplo, você pega muito professor falando assim “há hoje é dia de ATPC”, com desdém de maneira pejorativa, não tem uma valorização até pelos professores, e também não tem uma valorização até financeira, para algumas escolas particulares em que você vai trabalhar, essa reunião ela é mais valorizada financeiramente que a aula, porque eles entendem que aquele momento de planejamento e formação ele é essencial. Em escola particular os caras são chatos, todo sábado você tem que estar lá porque é uma formação.

Entrevistadora: Você chegou a citar em uma das suas falas sobre a EFAPE, né? Você tem estado por dentro do que a EFAPE tem oferecido de formação?

Professor A: Tenho, mas não tanto quanto eu deveria saber. Eu procurei a EFAPE para alguns cursos que eu achava importante para minha prática como coordenador, fiquei bem decepcionado pelo que eles ofereceram, acho que eles só me deram um panorama bem superficial da coisa, e acabou sendo maçante para mim assistir aquilo lá. Agora eu não sei se eles podem em outras etapas de formação aprofundarem.

Entrevistadora: Mas você esteve mais voltado para essa área da formação do coordenador de área então?

Professor A: Tem a formação, por exemplo, do Projeto de Vida, Tecnologia, as Eletivas eu considero mediana, tanto que nas minhas avaliações eu coloco mediana. Na área de Sociologia quando eu entrei como professor do estado, eu tive um curso de um ano, que era mais entender a questão do estado, essa da burocracia estatal e um pouco sobre uma pedagogia, mas foi presencial e confesso que não foi muito bom não.

Entrevistadora: Dadas as experiências iniciais dessa escola, o que você pensa atualmente sobre o Novo Ensino Médio?

Professor A: Para mim é meio confuso, eu acho o Novo Ensino Médio muito bom a partir do momento que ele dá a possibilidade para o aluno de se interessar por alguma área, então eu acho interessante isso, o fato de o aluno vir sabendo que ele vai estudar algo que possa motivá-lo, entendeu? Mas eu fico ainda muito restrito, assim muito meio com pé atrás vira por que geralmente essas áreas estão vindo de cima para baixo, eu acho que não deram um pouco de autonomia para a escola pensar um projeto dela, dela compor uma grade curricular interdisciplinar que atendesse a necessidade da comunidade local. Então às vezes vem alguma coisa de fora, de cima, quer dizer e que às vezes o que oferece ali não atende aquela localidade, e aí você começa a entrar naquele processo de acochambar, né?! De tentar dar um jeitinho, e aí eu acho que já começa a desandar.

Entrevistadora: Fica meio perdido? eu acredito que é porque as vezes, como eu falei, a BNCC e o Currículo Paulista falam da adaptação à realidade local, mas talvez o que eles mandam de material deixam um pouco a desejar.

Professor A: Sim, deixa um pouco a desejar. Aí eu volto naquela questão, eu acho que é né necessário um Novo Ensino Médio mais efetivo, mas é necessária uma possibilidade de formação e planejamento melhor dos professores, para tentar criar um sistema de disciplinas, sistema de aprendizagem ali que satisfazem a comunidade local em cima das Habilidades e Competências.

Entrevistadora: A gente tem uma visão bem semelhante em relação a isso, porque em teoria, porque pra mim a ciência em si, a gente tá falando agora especificamente da Geografia, mas as ciências vêm falando há cerca de 40 anos sobre a necessidade da interdisciplinaridade, porque tornaram-se especialistas, mas aquilo, a especificidade, não era suficiente para explicar ao todo os fenômenos entorno daquilo que se estuda, que é complexo.

Professor A: Sim, antes eu achava que era um discurso meio tonto, mas a quantidade de disciplina soltas, cada uma seguindo o seu rumo, em nenhum momento conversando, eu lembro que quando eu parei para pensar, entendi que isso realmente é chato. Porque eu vim desse sistema que as disciplinas não se conversavam, as vezes eu tinha uma aula de história por exemplo, filosofia e Geografia que elas estavam em tempos históricos diferentes ou falando coisas diferentes e que ficava mais difícil meu estudo, acho que você pensa numa interdisciplinaridade onde você consegue fazer o aluno compreender que a ciência é um todo, que tem muita coisa envolvida, muitas áreas ajudando ali, e que isso tudo ajuda ele a compreender o seu mundo e a se desenvolver como cidadão, sei lá o que seja. Então é benéfico, então você tem que pensar num sistema desse, porque do jeito que estava antes, tudo meio solto, eu lembro que eu tinha muita dificuldade, eu escolhia matérias preferidas, hoje os alunos escolhem áreas preferidas. É uma mudança brusca, é muito grande.

Entrevistadora: Acredita que o Novo Ensino Médio fragiliza ou fortalece a Geografia? O Novo Ensino Médio como ele está dado aí, como eu estamos falando especificamente de Geografia, mas acredito que essa pergunta valha à todas as disciplinas das Ciências Humanas.

Professor A: Se for falar na Geografia, na quantidade de aulas, você pode até dizer que ele fragiliza, você tem até um menor número de aulas de Geografia específico, mas eu acho que ele, esse Novo Ensino Médio, eu acho que ele ajuda enriquecer a área de Geografia e as Ciências Humanas, porque você traz aí além dessa diálogo entre as ciências da área de Humanas, a possibilidade de conversar

com as outras áreas de conhecimento, então não acredito que a área de Geografia perca, acredito que ela ganhe porque você passa a associar a Geografia também ao mundo da natureza, entendeu? Também ao mundo da matemática, tá dentro da Geografia. Então, eu acho que ela ganha, mas aí eu volto a falar que depende muito do trabalho do professor e depende muito da formação do professor, se ele for muito cabeça fechada ali, ele vai prejudicar essa formação ampla do aluno.

Entrevistadora: Você tem mais alguma reflexão para fazer sobre o Novo Ensino Médio no estado de São Paulo especificamente?

Professor A: Não, como é muito recente eu ainda não tenho uma reflexão profunda e bem elaborada sobre esse Novo Ensino Médio, por enquanto eu só estou vivendo ele, estou digerindo, então eu acredito que mais uns dois ou três anos de experiência com ele, eu vou ter uma reflexão melhor do que possa ser esse Novo Ensino Médio.

Entrevistadora: OK! Agora, não está nem no roteiro, mas só que ouvindo e ouvindo pela milésima vez a reunião de área de vocês, percebi um momento em que você conta que durante uma aula, em que estava falando sobre trabalho e sobre lucro, você conseguiu calcular com um aluno o valor da hora de trabalho dele, que era quarenta centavos, e que aquilo deixou ele indignado e tal. Aí pensando nas bases da construção do conhecimento e da aprendizagem efetiva, em que se fala da aprendizagem por repetição, por impacto, digamos que como você afirma que houve uma indignação por parte do aluno, houve ali um impacto, então poderiam ser introduzidos naquele momento vários conceitos, que talvez ficaria mais fácil dele assimilar justamente por estar mais atento ao assunto. Mas você não conclui como que fechou essa aula. Foi causado esse impacto no aluno, ele percebeu o quão pouco valia a hora de trabalho dele, mas e aí? Dentro do conteúdo e conceitos que precisavam ser trabalhados naquela aula, o que foi trabalhado? Ou vocês pararam nisso?

Professor A: Era uma aula no período de pandemia, então eu não tinha todos os alunos em sala de aula, e o público era bem rotativo, porque a presença não era obrigatória. E ali foi um período que eu coloquei para pensar e debater a questão do trabalho, e uma coisa que eu vi no novo material do Ensino Médio, eu não sei onde fica o ensino de sociologia, mas a questão da mais valia eu vi que meio que desapareceu, eu posso estar ficando louco, não vi ainda em algum livro, mas eu não sei.

Entrevistadora: Um livro do PNLD traz o conceito de mais valia, ele é do mundo do trabalho, acho que o tema é “Importância do Trabalho”, que é da área de Ciências Humanas.

Professor A: Mais valia é uma coisa superdifícil de se explicar, pra quem é da sociologia se você só seguir o que está no livro, fica uma coisa meio estranha. Assim, eu trabalho, mas aí a maior parte fica com o patrão e a outra menor... Sabe? Fica até meio que óbvio, mas como você vai visualizar isso no seu dia a dia, no seu salário e na sociedade? Como que você visualiza? Aí esse dia foi meio que de supetão assim, porque eu tinha um grupo ali que trabalhava no Tiba, no que é um supermercado aqui de Dourado, e aí eu perguntei quanto eles ganhavam por hora de trabalho, e foi que chegou a essa discussão sobre a hora que eles trabalham, por mais que eles ganhem mil e pouco, alguma coisa que eles acham que é muito dinheiro pra realidade deles pelo momento deles de vida, mas se você for quebrando isso, chegando ao valor da hora, você vai ver que é muito pouco em relação ao tanto que eles trabalhavam, que maioria falou que trabalhava dez horas possivelmente, era muito pouco perto do lucro que aquele mercado tem. Então por isso que foi um choque, porque quando eles viram que o valor que eles tinham, caso fossem trabalhar uma hora, que se saísse dali com uma hora exata eles pegariam quarenta centavos, isso foi um choque para eles. Então foi aí que eu consegui amarrar o conceito de mais valia.

Entrevistadora: Então você conseguiu trazer esse conceito?

Professor A: Sim, esse conceito, agora eu volto a dizer que eu não lembro ter visto mais valia no material do Novo Ensino Médio eu tenho que procurar mais.

Entrevistadora: Entendi. Mais alguma coisa você tem para falar?

Professor A: Não, não, é só.

Entrevistadora: Muito obrigada!

Entrevista Professor B

Entrevistadora: Qual é a sua formação?

Professor B: Minha formação em Ciências Sociais.

Entrevistadora: Quais disciplinas você ministra?

Professor B: Filosofia e Geografia.

Entrevistadora: Como que foi a sua da sua parte a recepção da lei que instituiu o Novo Ensino Médio no estado de São Paulo?

Professor B: Foi novidade, mas a gente foi se adaptando né, com o tempo, mas foi tranquilo.

Entrevistadora: Você fala com o tempo, mas é com ela já em vigor?

Professor B: Sim.

Entrevistadora: Quais ações escolares você teve para compreender essa reforma?

Professor B: As ações escolares? Bom, do ponto de vista das ações escolares, eu procurei trabalhar mais a questão emocional dos alunos, a pedagogia da presença, e as competências socioemocionais.

Entrevistadora: Quanto você se sente familiarizado com a BNCC e com o Currículo Paulista?

Professor B: Bom, ele alterou né, de dois anos para cá ele teve uma alteração né, mas eu acho que essa alteração a gente acaba se adaptando.

Entrevistadora: Mas não é uma coisa assim, que você fala que esteja familiarizado?

Professor B: Não, eu não me familiarizei devido ao fato de eu achar que o ensino se tornou muito superficial.

Entrevistadora: Houve conhecimento, informações prévias acerca do Novo Ensino Médio antes dele ser implementado?

Professor B: Não.

Entrevistadora: Acho que foi uma coisa que você não teve conhecimento?

Professor B: Acho que foi coisa superposta.

Entrevistadora: De repente chegou e você teve que abraçar e pronto?

Professor B: Isso.

Entrevistadora: Não tiveram informações prévias de que isso aconteceria, a forma como aconteceria?

Professor B: Eu posso ter tido um algumas informações, mas não um conhecimento prévio.

Entrevistadora: Você falou que a sua formação é em Ciências Sociais, né? Agora, trabalhando dentro das Ciências Humanas, ministra aula também de Geografia. Você acredita estar capacitado para ministrar aulas de Geografia ou de Itinerário Formativo que tenham a Geografia como base?

Professor B: Eu estou me capacitando.

Entrevistadora: Você acha que está se capacitando? Se capacitando de que forma?

Professor B: Eu acho que através da leitura, eu estou tentando estudar um pouco mais o próprio currículo, mas ainda a questão principalmente das novas tecnologias que você pode inserir, ainda eu tenho dificuldade.

Entrevistadora: Especificamente dentro da disciplina de Geografia, você falou que está se capacitando através de leitura, através do próprio Currículo. Você busca esse conhecimento, essa capacitação através dos materiais que a EFAPE, a Secretaria da Educação do Estado, oferece especificamente para esses Itinerários que precisam de Geografia ou para disciplina específica de Geografia?

Professor B: Não

Entrevistadora: Não? você usa outros materiais além do que o estado oferece?

Professor B: É!

Entrevistadora: Como você entende a prática e pratica ações interdisciplinares? Houve formação ou preparação para trabalhar com a interdisciplinaridade nesse Novo Ensino Médio? Como que você consegue trabalhar isso? Porque agora a gente tem até os ATPCs que são por áreas, tem mais o foco em trabalhar a área e não a disciplina específica.

Professor B: É um conhecimento que a gente está se inserindo né, é se relacionando nas diversas áreas né, e de uma certa forma os livros também indicam essa questão da interdisciplinaridade. E você vai relacionando a Geografia com a Sociologia, a Sociologia com a Filosofia, com a História, você vai conseguindo.

Entrevistadora: Mas como você pratica ela em sala de aula? Como que isso acontece? porque por exemplo, no ATPC que acompanhei, que a gente gravou inclusive, você começa a falar de um momento em sala de aula que estava falando sobre redes, do uso do celular em sala de aula, mas aí você também volta muito no como se sente sobre o aluno estar com o celular em sala de aula. Diante dessas coisas, você consegue buscar a interdisciplinaridade ainda? Consegue atingir o que o Currículo pede? Como que você consegue trabalhar de maneira interdisciplinar?

Professor B: Eu consigo através de textos que acabam se encaixando e se relacionando em relação aos conteúdos, no sentido de que o aluno desperte algum questionamento filosófico sobre a questão do meio ambiente, a questão da biodiversidade. Então, você consegue amarrar Geografia, a questão histórica também.

Entrevistadora: Então você está dizendo que os próprios temas da aula com os textos dos materiais, eles já conseguem induzir a interdisciplinaridade?

Professor B: Sim, já propõe em suas intervenções a interdisciplinaridade.

Entrevistadora: Entendi. Você enxerga dentro das habilidades e competências a serem trabalhadas em desenvolvidas, maneiras de abordar conceitos e categorias que embasaram o olhar e o pensamento geográfico? Aliás você sabe o que é o desenvolvimento do pensamento geográfico?

Professor B: Sim. A questão do desenvolvimento do pensamento geográfico atual, está muito mais relacionado a uma relação internacional entre geografia do ponto de vista geopolítico, do ponto de vista de territorialidade, do ponto de vista de cidadania, do que aquela questão do princípio da Geografia que foi feita para a guerra. Então você tem que é buscar uma forma de relacionar essas diferenças, a questão é por exemplo das diferenças étnicas, a questão da imigração, a diferença entre imigração e os refugiados.

Entrevistadora: E dentro de todos esses temas que você colocou, esses temas e essas categorias de análise da Geografia, você acha que as habilidades que a BNCC e que o Currículo Paulista coloca como obrigatórias a serem trabalhadas e desenvolvidas pelos alunos dentro de sala de aula permitem que o professor trabalhe também os conceitos específicos da ciência?

Professor B: Então, eu acho que através das habilidades é um movimento um pouco ao contrário do passado, que do conceito você ia à habilidade, então agora das habilidades você vai para o conceito, mas de uma certa forma você acaba partindo do mais superficial para o mais essencial. Então, em termos de você trabalhar o conceito e a categoria né, eu acho que a gente até consegue em alguns pontos de vista, mas de uma forma íntegra eu acho que ainda não, é um caminhar, eu acho que depende de um tempo, até porque o aluno não se aprofunda muito na leitura, acho que não tem muito muita consciência do momento que ele vivendo.

Entrevistadora: E os materiais didáticos ofertados eles estão adequados às habilidades e competências que são pedidos para serem desenvolvidas? Tanto material PNL, que é aquele que possui várias disciplinas numa só, que é o material interdisciplinar, quanto o Currículo em Ação que é derivado do Currículo Paulista. Você acha é adequado as habilidades e competências a serem desenvolvidas ou ele destoa?

Professor B: Ele é adequado, eu acho que ele não destoa, o material, né. Mas se partindo da habilidade para o conceito, quando você vai trabalhar a relação das disciplinas, o conceito fica muito superficial. Então eu acho que pode ser que até atenda a visão que o aluno tem, mas dificulta para ele aprofundar se ele quiser aprofundar numa matéria específica.

Entrevistadora: E como acha que você professor, como a sua prática pode fazer esses conceitos serem introduzidos de forma mais aprofundada e não tão superficial assim na aprendizagem do aluno?

Professor B: Eu acho que de uma certa forma é dialogando com os alunos a respeito dos conteúdos e estimulando a eles fazerem leituras paralelas, de grandes clássicos.

Entrevistadora: Acredita que professores que tenham uma formação fora da Geografia conseguem adentrar esses conceitos, mesmo os livros trazendo de forma superficial, conseguem aprofundar sem ter a formação de Geografia?

Professor B: Se ele tiver formação na área de Humanas, ele consegue, eu acredito que consegue, tanto na Filosofia quanto Sociologia, História, Geografia, ele consegue. Nas outras áreas eu acho mais difícil, porque eu já trabalhei dentro dessas áreas, eu consegui algumas coisas, não que eu consegui tudo. Tem coisas que são até mais específicas, agora se for de uma área diferente eu acho que fica mais complexo.

Entrevistadora: Dadas as experiências iniciais aqui no Salles, o que você pensa atualmente sobre o Novo Ensino Médio?

Professor B: Olha, como já dou aula há algum tempo, eu fico um pouco pessimista em relação a esse tipo de ensino, porque uma que o desemprego estrutural algumas carreiras vão acabar desaparecendo, acabam sendo oferecidas nesse novo ensino, e outra que ele acaba nivelando por baixo, porque muito embora precise de técnicos enfim, eu sempre aprendi que o interessante é ser nivelar por cima, ou seja você preparar o aluno especificamente para o vestibular. Eu acho que o Novo Ensino Médio, ele não prepara o aluno para o vestibular, e inclusive não nos moldes quais já existem, mas muito embora a gente teve aí o resultado do Enem com várias questões de filosofia que foram trabalhadas aqui no Novo Ensino Médio e também de Geografia que eu trabalhei, e que caíram assim muito próximas, muito parecidas as questões que a gente trabalha aqui.

Entrevistadora: Você acredita que o Novo Ensino Médio fragiliza ou fortalece a Geografia enquanto ciência?

Professor B: Bom, como uma questão pessoal, eu acho que ele acaba fragilizando, mas como uma tendência, só o tempo vai dizer. Mas eu acho que ele acaba fragilizando porque ele torna de uma certa forma a aprendizagem superficial.

Entrevistadora: Teria alguma outra reflexão ou abordagem para complementar esse tema?

Professor B: De uma certa forma historicamente, o que propõe esse novo ensino, se for uma visão holística do universo, do mundo que a gente vive, mas se ele conseguir de uma certa forma conscientizar, através de uma reflexão, que jovem deve ser o protagonista desse novo mundo, seria ótimo. Mas também se por outro lado esse ensino for até um certo ponto fragmentar essa realidade futura, essa realidade que você transforma tudo em empresa, e que a partir do momento que você transforma uma realidade empresa você vai flexibilizar, quer dizer quando você flexibiliza você não chega a essência da coisa, e você vai tornar as pessoas mais ansiosas, mais preocupadas especificamente com o mercado de trabalho, não com é a sua essência, aí eu acho que talvez seja prejudicial.

Entrevistadora: Dando uma olhada no material do ATPCA de vocês, fica perceptível que quando você fala das práticas pedagógicas e do que pode ser feito dentro da disciplina dentro da sala de aula, você volta muito nas limitações às quais são referentes a você enquanto ser humano diante da situação do ser profissional, do quanto é desestimulante, desanimador a postura dos alunos em sala de aula. Ainda tem um momento que você justifica, fala desse pós pandemia e desse contato mais próximo, até mesmo intrínseco com as tecnologias, principalmente o celular e as redes sociais. E dá para perceber na sua fala que às vezes essa percepção afeta as suas ações pedagógicas, porque às vezes você se sente ou desanimado ou sem saída, sem saber o que fazer para mudar a percepção do aluno em si. Porque desde o final do século XX e início dos anos 2000, a gente já tem aí um há alguns anos a “Geografia em crise”, os geógrafos pesquisadores perguntando o que vai ser da ciência, e muito se falando da necessidade da interdisciplinaridade, e agora a gente tem uma BNCC que tenta né trazer essa interdisciplinaridade pra dentro do currículo, mas parece que pela sua fala não é isso que se encontra dentro da sala de aula, certo? Então, para você qual é a solução para isso? Já que a interdisciplinaridade e a complexidade do mundo já é algo dado, a qual a gente tem que aprender a trabalhar. Se você acredita que essa forma, nesse molde que está, não dá certo e tende a fracassar mais ainda com o ensino, você tem uma proposta para que isso seja diferente? Você acha que a interdisciplinaridade tem que ser explorada mas não dessa maneira? Ou então dessa maneira, mas não da forma como o estado acabou colocando dentro das escolas?

Professor B: Eu acabo de uma certa forma acreditando que a forma que o estado impôs, foi uma forma somente hierárquica e autoritária, cobrando e não treinando os professores. Então eu acho que teria que ser colocado de uma forma muito mais gradual desde o ensino fundamental, até antes, para que houvesse uma adaptação do aluno, porque quando você fala por exemplo de uma educação integral, para o aluno e você tornando superficial essa questão da interdisciplinaridade, quando você trabalha no texto e não se aprofundando em toas disciplinas, eu acho que torna fragmentado isso. E a forma pelo qual o aluno trabalha essas novas tecnologias, se torna uma forma totalmente instantânea, não dá para você achar que isso é conhecimento. Porque você trabalha de uma maneira instantânea e fragmentada a realidade que ele vive, até porque as próprias novas tecnologias não foram inseridas de forma pedagógica para o aluno, ele não sabe trabalhar com o próprio celular e até mesmo o computador, ele busca formas mais fáceis de encontrar as respostas para aquilo que ele quer fazendo com que ele não aprenda. Então, você veda aí a questão do aluno protagonista, mesmo que alguns já possuam essa tendência a maioria continua como massa.

Entrevistadora: E você acha que a Geografia como disciplina, compondo a grade curricular até o 2º ano do Ensino Médio, não seja o suficiente para embasar conceitualmente os Itinerários que envolvam geografia junto a outras disciplinas? Ou você acredita que no último ano do Ensino Médio ainda deveria haver disciplinas específicas?

Professor B: Eu acho que já é efetivo até o 2º ano, mas de repente você muda o nome para ser uma coisa mais aceita ou chamativa, mas vai depender, nessa situação, muito mais do que o aluno entende do motivo pelo qual ele está estudando geografia, como que ele vai usar a geografia, do que você colocar a própria disciplina de geografia. Então, você pode colocar esse Itinerários, desde que eles sejam... não adianta você mudar o nome pelo nome, mas se você mudar o nome, mas o aluno tiver o interesse de entender a função da geografia, a questão que a geografia não é uma ciência específica, a geografia é o mundo.

Entrevistadora: Você fala da postura que o aluno tem que ter para entender, mas qual é a postura ou prática pedagógica que o profissional da educação tem que assumir para despertar isso no aluno?

Professor B: Eu acho que se você mudar ou não mudar o nome, a prática que você tem que ter é se transformar em relação ao momento que você está vivendo. Então, você tem que se adaptar as novas formas de aprendizado, mas ao mesmo tempo você tem que manter uma postura pela qual você consiga incentivar o aluno aprender essas novas formas, porque ele que tem que entender, ele que vai viver no planeta pelo planeta, a partir do momento que ele joga um papel, e que esse papel vai para um esgoto ou virar lixo, então esse questão do aluno entender a geografia ou a nova forma pela qual a geografia está sendo colocada, depende é claro do treinamento do professor, numa visão mais holística que esse professor tem que desfrutar com o aluno, do que de repente apenas ser uma troca de conhecimento. Depende numa transformação do professor? É claro que depende de uma transformação do professor, mas também depende de uma transformação do aluno, porque o professor fica muito culpado, como uma coisa imposta "A culpa é do professor, o professor que está errado". Não é assim, depende do aluno se readaptar, e isso vem lá de baixo, do processo de socialização.

Entrevistadora: É isso, muito obrigada!

Entrevista Professor C

Entrevistadora: Qual que é a sua formação profissional?

Professor C: Sou formado em História e Geografia.

Entrevistadora: Como foi a sua formação? Foi em qual instituição?

Professor C: Bom, minha primeira formação foi EAD na UNIP, e a segunda foi também EAD pela FAVENI.

Entrevistadora: Quais disciplinas você ministra?

Professor C: História, Geografia, algumas Unidades Curriculares e Eletivas.

Entrevistadora: Como foi da sua parte a recepção da lei que instituiu o Novo Ensino Médio? Como que você ficou sabendo dela, como que foi? Como que você a percebeu?

Professor C: O Novo Ensino Médio foi um processo em que o antigo diretor do Salles foi mostrando junto com a coordenadora que era Renata na época, que é a atual diretora, foram mostrando para a gente aos poucos nos ATPCs, foram mostrando aos poucos esse processo que ia acontecer, ia acontecer uma mudança do velho Ensino Médio, dizendo assim, para o Novo Ensino Médio.

Entrevistadora: E só para deixar registrado, você começou a dar aula em que ano mesmo?

Professor C: Comecei dar aula o ano passado, 2021.

Entrevistadora: Então você não pegou a parte anterior a transição dentro da escola?

Professor C: Não, eu estava fora da escola, mas como esse ano é o último do Ensino Médio apenas, eu ainda estou me adaptando com essa transição, porque eu saí muito recente da escola, eu estava acostumado com aquele jeito de ter aula. Dali do Salles eu saí praticamente há 3 anos, depois de 3 anos eu voltei como professor.

Entrevistadora: Quantos anos você tem mesmo? Então você saiu do Ensino Médio como aluno em 2018, 2019, foi isso?

Professor C: Não, eu saí em 2017 eu acho.

Entrevistadora: Foi seu último ano estudando no Ensino Médio?

Professor C: Eu fiquei 2018, 2019, 2020 e 2021 eu já voltei dando aula dando aula.

Entrevistadora: Quais ações escolares você teve ou de quais ações escolares você participou para compreender a reforma do Ensino Médio?

Professor C: Faziam reuniões para explicar, foi disso que eu participei. Quando eu entrei ainda estava no processo, eu acredito de se adaptar ao Novo Ensino Médio, então eu participei muito das reuniões deles, leis que eles mandavam para gente ver e se adaptar, com o que ia continuar sendo e o que ia mudar, como ia funcionar.

Entrevistadora: Você se sente familiarizado com a BNCC e com o Currículo Paulista?

Professor C: Como a gente estuda para concurso, a gente acaba lendo bastante a BNCC, e estudando Currículo Paulista no dia a dia para poder dar aula, conhecer jeitos novos, conhecer as regras e tudo mais.

Entrevistadora: Quando você entrou, em 2021, foi o início do Novo Ensino Médio, a gente tinha o 1º Ano com a grade sem nenhum Componente de Itinerário Formativo, apenas com as disciplinas do Projeto Inova acrescida ao currículo. Mas você teve conhecimento sobre o Novo Ensino Médio antes disso? Por exemplo durante a faculdade, eles tratavam esse assunto da reforma do Ensino Médio? Quando você estava saindo do Ensino Médio, lá em 2017, você já tinha conhecimento dessas transformações que iriam ocorrer?

Professor C: Quando eu saí do Ensino Médio não, durante esse final de Ensino Médio pelo que eu me lembro, não ouvia nada, sinceramente não via nada. Durante a faculdade, no período da faculdade, ali que eu passei a ter por meio de pesquisas, por meio de informações mesmo da faculdade, falando da BNCC, falando de modo geral da educação, acabei sabendo que ia ter essa mudança. Eu já ia entrar

num sistema novo, totalmente diferente do que eu tinha conhecido, mas foi bem leve assim, não foi um estudo aprofundado sobre o Currículo Paulista por exemplo.

Entrevistadora: Você tem a formação em Geografia também né? Então você acredita que está capacitado para ministrar aulas de Geografia e Itinerários Formativos que tenham essa disciplina como base?

Professor C: Sim, acredito.

Entrevistadora: Acredite que sua formação te deu base para isso?

Professor C: Sim, com certeza?

Entrevistadora: Como você entende e pratica ações interdisciplinares? Houve formação e preparação para trabalhar com a interdisciplinaridade nesse Novo Ensino Médio?

Professor C: Olha, houve os cursinhos da EFAPE, e muitas das vezes não sendo tema de interdisciplinaridade, mas acaba trabalhando esse tema. Mas eu acredito que foi muito repentino a inserção das Unidades Curriculares por exemplo, dessa interdisciplinaridade eu acho que a gente aprendeu, está aprendendo ainda, na prática, com algumas dicas, com alguma ajudas desses cursos.

Entrevistadora: Você consegue enxergar dentro das Habilidades e Competência a serem trabalhadas maneiras de abordar conceitos e categorias que embasam o olhar e o pensamento geográfico?

Professor C: Sim.

Entrevistadora: Isso olhando exclusivamente para as Habilidades e Competências, não para o conteúdo.

Professor C: Sim, eu acredito que elas são boas, principalmente de Geografia mais do que História. Eu acho que elas são boas, eu acho que dá para gente trabalhar muita coisa em cima, trabalhar muita coisa em cima das Habilidades. Acho que poderia ter mais tempo para poder trabalhar com essas Habilidades, muita das vezes por exemplo, a gente não dá conta de em um ano letivo aplicar todas.

Entrevistadora: Os materiais didáticos ofertados estão adequados às Habilidades e as Competências a serem desenvolvidas?

Professor C: Eu acho que estão sim! E tem uma grande variedade, eu estava olhando esses dias, só de Ciências Humanas, tem cerca de doze ou quinze livros diferentes, além da gente ter o acesso fácil agora através à internet, vídeos, materiais online, então a gente tem materiais infinitos, praticamente, ofertados para gente.

Entrevistadora: Dadas as experiências iniciais na escola, o que você pensa atualmente sobre o Novo Ensino Médio?

Professor C: Eu acho que o Novo Ensino Médio... e agora o que eu vou falar?

Entrevistadora: Pode falar o que você quiser, a gente está conversando, eu quero saber sua opinião.

Professor C: Eu acho que o Novo Ensino Médio ele veio para tentar sanar alguns problemas que a gente tinha. Agora quais são eles? E se estão sanando? Eu acho que nosso problema mesmo é o desinteresse, o desinteresse dos alunos, o problema não é o currículo não. Antigamente, na minha época mesmo, nem faz tanto tempo assim, a gente nem tinha livros didáticos, não chegava, não tinha apostila. Hoje é ofertado de tudo, internet na escola na minha época? Que jeito? Nunca a gente ia pensar nisso. Eu acho que a parte mais do desinteresse dos alunos assim. Não vejo problema no Novo Ensino Médio, ele veio trazer, tentar trazer os alunos para um futuro em cima do projeto de vida, veio tentar trazer um projeto de vida, coisa que ninguém falava o que você queria ser no futuro. Agora é um dos pontos principais dentro da escola.

Entrevistadora: Você acredita que o Novo Ensino Médio fragiliza ou fortalece a Geografia enquanto ciência?

Professor C: No terceiro colegial eu acho que ele vai dar uma enfraquecida na Geografia, porque a maioria dos alunos, não sei ainda, não sei, não vi ainda as aulas que vão ter, mas eu acho que a gente vai ter poucas aulas, não vai de Geografia?

Entrevistadora: Não, não vai ter nenhuma com esse nome, a gente vai continuar com a Base Comum de Português e Matemática, o restante é tudo Itinerário e Projeto Inova.

Professor C: Então, como os alunos eles podem escolher o que eles vão, por um lado bom, o que eles vão poder escolher o que eles vão querer estudar, mas por outro lado eles vão deixar de aprender certas coisas, por exemplo de Geografia. Ah, me se ele escolheu o Itinerário de Geografia? Bom, aí beleza. Mas todos os alunos vão ser contemplados com o mesmo ensino? Essa é minha ideia, não sei se deu para entender.

Entrevistadora: Deu para entender. Você tem mais alguma reflexão ou abordagem para complementar esse tema ou é só isso mesmo?

Professor C: Ah, como eu sou muito novo, sou muito novo assim na questão da escola, eu não sei muito o que falar, porque eu não estou, mas tem professor que está ali há trinta anos, vinte anos, então eles viram todo o processo, daí eles que tem essa capacidade de dizer se melhorou ou se piorou. Eu não tenho muito esse norte para falar.

Entrevistadora: Mas me responde uma coisa agora. Você é professor de Itinerário, você chegou a ministrar aulas de Componente dos quais exigem Geografia como formação. No caso do Salles, a maioria das escolhas dos alunos foi pela área de Ciências Humanas, mas você disse que acredita que a Geografia, acaba sendo enfraquecida com o Novo Ensino Médio porque no Terceiro Ano já não tem aula de Geografia. Mas, a gente tem Componentes Curriculares que precisam da Geografia como base. Você acredita que mesmo assim acaba enfraquecendo? A gente não consegue trabalhar conceitos geográficos e categorias de análise da Geografia desses Itinerários?

Professor C: Consegue, e fazemos! No caso do ano passado da UC7, eu trabalhei bastante Geografia, “Das Rochas ao Solo”, mas eu acho que é sobre um assunto tão específico. Então, por exemplo, eu tinha duas aulas por semana, entendeu? Como você vai ensinar geografia, ensinar um mapa topográfico, vai ensinar localização para o aluno em uma aula? As Unidades Curriculares nada mais é a interdisciplinaridade, a gente vai ter todas as matérias, mas eu acho que a Unidade Curricular acaba excluindo alguns alunos que não escolheram, que vão deixar de aprender certas coisas. Eu acho que ela é muito vaga às vezes, muita das vezes a gente tem que é esquecer o MAPPA ou modificar muito o MAPPA, que no caso é material de apoio, para poder ensinar um conceito que a gente acha importante, a gente acha não, que é importante e que as vezes na Unidade Curricular não vai ensinar.

Entrevistadora: Você acredita que os cursos da EFAPE ajudam na compreensão desse novo material?

Professor C: Eu acho que ajuda, sim! Eu acho que o problema desses cursos é que o professor tem que se matar em casa se ele quiser fazer uma coisa boa, eu acho que não tem o tempo suficiente para fazer esses cursos e atividades, eu acho se tivesse um maior tempo, uma melhor organização desse do espaço e do tempo dentro da escola, a gente poderia saber muito mais, aprender muito mais com esses cursos. Porque muitas vezes, a gente chega em casa e tem as coisas para fazer, não vai pegar e ficar até dez horas da noite fazendo curso.

Entrevistadora: É isso, muito obrigada!

Entrevista Professor D

Entrevistadora: Eu gostaria que você começasse falando qual é a sua formação e o cargo que você ocupa atualmente na escola.

Professor D: A minha formação inicial é em Estudos Sociais, isso em 1995, depois fiz complementação em História e Geografia, mas também fiz Pedagogia e Letras. Agora sou Coordenadora Pedagógica Geral.

Entrevistadora: Até o ano passado você era professora, você ministrava quais disciplinas?

Professor D: De Geografia

Entrevistadora: Como foi da sua parte a recepção da lei que instituiu o novo ensino médio? Você teve conhecimento sobre ela antes dela virar um fato ou não?

Professor D: Sim, tive conhecimento, mas não me atentei para ver o que exatamente seria esse Ensino Médio, só fui ver mesmo quando tive contato com o novo currículo, esse Itinerários Formativos.

Entrevistadora: Outros entrevistados relataram que participaram de uma entrevista lá pro ano de 2017 ou 2018, você lembra de ter participado dessa entrevista?

Professor D: Não, não me lembro não. Foi entrevista ou questionário?

Entrevistadora: Questionário, desculpe, questionário.

Professor D: Ah, ta! Disso eu lembro. Mas não me lembro o que perguntava exatamente as questões, mas era sobre o Ensino Médio.

Entrevistadora: Como que você recebeu a lei? Você ficou assustada a princípio ou só foi algo que ficou sabendo que aconteceria e nem deu atenção?

Professor D: Eu lembro que fiquei assustada a princípio, porque antes da gente ler e se aprofundar nisso, os boatos eram que não ia ter mais aula de sociologia, filosofia, que ia acabar e principalmente a parte das humanas seria prejudicada. Depois eu fui entendendo que não era bem assim, que os Itinerários Formativos são aprofundamentos da Base Comum, e que não são uma coisa engessada, você pode pegar o tema, pegar o MAPPA e viajar por ele ali.

Entrevistadora: Você teve ou participou de alguma ação escolar para compreender essa reforma? Foi passado alguma coisa? Fizeram alguma reunião, algum curso, alguma coisa para compreensão da reforma do Ensino Médio?

Professor D: Eu acho que se teve alguma coisa assim, foi a coordenadora que passou algo bem superficialmente. A gente ouviu falar bastante do Novo Ensino Médio, mas não foi uma coisa que a gente parou assim para estudar o que seria esse Novo Ensino Médio.

Entrevistadora: Você enquanto coordenadora, antes como professora, se sente familiarizada com a BNCC e com o Currículo Paulista?

Professor D: Sim, me sinto sim. Porque não é uma coisa que você tem que ficar seguindo à risca, você tem que seguir os temas, mas tem liberdade de transformar a aula, de adequar.

Entrevistadora: Então o conhecimento prévio que você teve foram as reuniões que a escola fez para informar que mudaria, que seria diferente?

Professor D: Sim.

Entrevistadora: Como você entende vou como você pratica as ações interdisciplinares? Você teve formação ou preparação para trabalhar com a interdisciplinaridade nesse Novo Ensino Médio?

Professor D: Não. Eu até consigo enxergar essa interdisciplinaridade, consigo trabalhar, mas formação, formação mesmo, não tive. A gente foi no dia a dia entendendo, porque até o próprio Currículo Paulista antes, ele já fazia a gente ter essa interdisciplinaridade, pois tudo o que você está vendo em Geografia está interligado com História, Filosofia, em outras disciplinas da Base Comum. Então ele já veio preparando antes, mesmo sem intenção a gente já estava preparado para isso.

Entrevistadora: Você consegue enxergar dentro das Habilidades e Competência maneiras de abordar conceitos e categorias que embasam o olhar o pensamento geográfico do aluno?

Professor D: Eu consigo enxergar, mas para o aluno eu acho que ainda está difícil de entender, porque a gente vem há décadas de uma educação bancária, onde você deposita, deposita, deposita, e agora eles querem que a gente faça o aluno produzir seu conhecimento. Então eu acho que está nesse pequeno abismo, do aluno entender que ele tem que buscar o conhecimento também e da gente não mastigar e trazer pronto o que ele vai ler, que vai responder algumas questões e que vai entender. Acho que o problema tá aí, na gente tenta levá-lo a praticar esse protagonismo.

Entrevistadora: Você acredita que os materiais didáticos ofertados tanto PNL D, que agora vieram por áreas e não por disciplinas específicas, quanto o material ofertado pela Seduc de São Paulo são adequados às Habilidades Competências a serem desenvolvidas?

Professor D: Acho que de certa maneira são, mas como falei, os alunos ainda não estão preparados para isso, e a gente também ainda não está sabendo lidar. Ainda não estamos familiarizados, acredito que daqui a um tempo isso vai ser mais tranquilo.

Entrevistadora: Dadas as experiências iniciais da escola, o que você pensa atualmente sobre o Novo Ensino Médio?

Professor D: Eu penso que é uma proposta válida, dá para seguir, mas eu acho que falta muito comprometimento dos estudantes, eles precisam se comprometer mais, alguns professores também precisam se libertar daquele antigo ensino, que hoje em dia não cabe mais na escola, e principalmente, a gente precisa do apoio da família para ajudar a gente a seguir essa nova rota, porque está aí e não tem como voltar atrás mais. A gente vai conseguir, mas ainda vamos ter muitos obstáculos para enfrentar.

Entrevistadora: Você acredita que o Novo Ensino Médio ele fragiliza ou fortalece a Geografia?

Professor D: Eu acho que fortalece, pelo que eu vi junto aos professores da área de Ciências Humanas nos Itinerários Formativos, eu vi que os estudos são bem mais aprofundados do que a gente dá na Base Comum, então eu acho que fortalece. Ele pega um conceito geográfico e faz o aluno pesquisar a fundo sobre aquilo.

Entrevistadora: Você tem alguma outra reflexão sobre o assunto para complementar?

Professor D: A gente vai precisar ainda de bastante formação, bastante contato com o material, bastante contato com outras escolas e outros estados que estejam tendo a mesma experiência.

Entrevistadora: Outra coisa, como que você está sentindo que os professores estão se adaptando a ele? Você acha que foi bem recebido ou que foi muito de supetão e os professores ficaram perdidos?

Professor D: No começo do ano principalmente, eu também estava muito perdida, eu não entendia o que era aquela turma que ia para lá e para cá, chegou o Novo Ensino Médio e na nossa escola chegou também o Ensino Integral, então a gente não estava entendendo o que estava acontecendo, acho que depois, no segundo semestre, a gente começou a entender como é que funciona, então no próximo ano vai ser mais tranquilo. Muitos professores ainda não estão aceitando esse novo formato.

Entrevistadora: Os professores foram entrevistados antes chegaram a citar os cursos da EFAPE, você chegou a ter contato com essas formações, com esses cursos específicos da EFAPE?

Professor D: Sobre o Novo Ensino Médio em si, não. Eu vi mais os cursos sobre o Ensino Integral.

Entrevistadora: E a Diretoria de Ensino também não ofertou para os coordenadores cursos sobre o Novo Ensino Médio?

Professor D: Assim, algumas diretrizes, mostrando como que era estruturado o MAPPA, falando sobre a lei, só para entender como é que funciona.

Entrevistadora: Entendi. Muito obrigada!

Entrevista Professor E

Entrevistadora: Primeiro eu gostaria que você começasse falando qual é a sua formação e o cargo que você ocupa.

Professor E: Eu sou formado em letras e pedagogia, meu cargo hoje é o COE, o antigo vice-diretor, que é o Coordenador de Organização Escolar.

Entrevistadora: Quando você ministrava disciplinas, quais disciplinas você ministrava?

Professor E: Língua Portuguesa, Português, uma é diferente da outra porque a Língua Portuguesa tem literatura, em português não, ele engloba só redação, gramática e interpretação de texto, e poucas vezes em Inglês.

Entrevistadora: Como foi da sua parte a recepção da lei que institui o Novo Ensino Médio? Você ficou sabendo dela e você se assustou? Como foi? Ou foi só mais uma lei que passou batido?

Professor E: Na verdade sempre desperta uma certa ansiedade, talvez uma certa curiosidade, porque a gente via que o Ensino Médio estava patinando com muita disciplina, e muita disciplina que às vezes de fato não era foco para o aluno então Por exemplo, na minha disciplina ele tinha que saber lá de repente sobre literatura portuguesa, mas ele não tem alvo para aquilo, ele tem que saber de repente o básico do básico, só se aprofundar lá em Almeida Garrett por exemplo, da mesma maneira em sociologia ou em filosofia, para o estudante ele tem que ter aquela noção geral de filosofia mas não tão profundamente o que esse pensador coloca ou que aquele pensador colocava e por aí vai. Então, quando você fala em reforma, a primeira coisa que veio foi aquela curiosidade "Nossa de repente vai vir realmente alguma coisa para mudar positivamente". E de certa maneira eu acredito que que é isso que está acontecendo, eu ainda prefiro essa reforma esse novo quadro do que o molde que a gente vivia anteriormente.

Entrevistadora: Quais ações escolares você teve ou de quais ações escolares você participou para compreender essa reforma? Teve alguma reunião explicando ou algo do tipo?

Professor E: O Governo do Estado de São Paulo, através da Secretaria da Educação, ele lançou uma pesquisa extensa, meio até que cansativa na época, com muita pergunta, com muita questão, como que a gente via determinada área, como que a gente via determinada aplicação disso ou daquilo dentro do Ensino Médio, e a gente não entendia direito para que aquela pesquisa tão extensa, mas procurou responder aquilo de maneira fidedigna, e essa foi uma das preliminares para se chegar nessa reforma do Ensino Médio.

Entrevistadora: E dentro da escola, teve alguma coisa ou vocês foram recebendo aí a nível de Diretoria de Ensino, de Secretaria da Educação?

Professor E: Recebemos a nível de Diretoria de Ensino essas novas informações, essas leis, foram passando para gente. Mas eu sinto assim, que mesmo as pessoas ligadas à educação, eu estou falando assim de diretores de escola, ligados de repente ao município ou a escola particular, demorou um pouco para as pessoas absorverem de fato o que era essa reforma, ainda mais no meio de uma pandemia sim.

Entrevistadora: Quanto você se sente familiarizada com a BNCC e o Currículo Paulista? Ou o seu cargo já não tem muito contato com isso, não é algo que que você esteja sempre assim vendo estudando, analisando ou utilizando?

Professor E: O meu cargo aqui hoje, na minha função administrativa, ela dificulta um pouco que você tenha aquele envolvimento mais direto enquanto professor, por outro lado você consegue ter uma visão mais ampla das outras disciplinas né, você consegue totalizar melhor, porque enquanto professor, você se atém mais a sua, você se aprofunda na sua disciplina né, você vai mais a fundo naquilo que você leciona. Enquanto administrativo, você tem uma visão mais generalizada dela.

Entrevistadora: Então houve informações prévias acerca do novo ensino médio antes dele ser implementado? Você acha que elas foram suficientes para você entender o Novo Ensino Médio?

Professor E: Como se trata de uma reforma muito ampla, a meu ver, eu acho que ainda foi pouco, mas também a gente estava dentro de uma escola que era uma escola regular, comum em que você não tinha tanto tempo para pesquisar e receber essas informações, eu acho que vale mais o próprio profissional ir procurando e se inteirando do que a escola em si ter tempo também para tanto.

Entrevistadora: Essa nova lei ela vem falando muito da interdisciplinaridade, e como você entende e pratica ou estimula que os professores da escola pratiquem a interdisciplinaridade? Você recebeu uma formação, uma preparação para trabalhar com a interdisciplinaridade, para estimular o pessoal da escola a trabalhar com a interdisciplinaridade no Novo Ensino Médio?

Professor E: Então, a gente não recebeu nada específico em relação a isso. O assunto interdisciplinaridade, ele já é proposto dentro da educação há 20 anos, quando a gente viu a necessidade de começar a trabalhar com um projeto, que cada projeto ele abrange várias áreas do conhecimento, na verdade é uma roupagem nova que você dá pra essa questão da interdisciplinaridade dentro da BNCC, mas já é de fato um assunto antigo. Então por exemplo, quando você vai falar de literatura, vou puxar sardinha pro meu lado, você tem um fator histórico dentro daquilo, quando você vai falar de Machado de Assis, em que século você está? Como era a sociedade, no caso carioca, daquela época? Então já entrou a filosofia, já entrou a sociologia, o prato de entrada é a história, e como você está falando de uma sociedade, obviamente vai falar de Arte, então a interdisciplinaridade ela sempre esteve como pano de fundo, a gente já vinha de fato trabalhando isso, só que eu percebi que com a BNCC você tem mais amplitude para isso.

Entrevistadora: Você teve contato com os materiais didáticos do Novo Ensino Médio?

Professor E: Tive.

Entrevistadora: Você acha que eles são adequados as Competência e Habilidades que a BNCC e o Currículo Paulista pedem para serem desenvolvidas? você acha que eles estão congruentes?

Professor E: Assim, numa versão preliminar, numa resposta preliminar, sim. Por que preliminar? Porque eu falo que a gente só sente de fato o material, quando você entra na sala e começa a trabalhar com ele e ver como o aluno recebe aquilo, como o aluno está aprendendo, você analisa um livro mas você só sente de fato ali no cotidiano. Então olhando o material, eu achei interessante, porque ele vem por área, não tem mais livros de história e um livro de filosofia, não, eu tenho um livro ali de Humanas. Então me parece ser muito abrangente.

Entrevistadora: E dadas as experiências iniciais aqui na escola, o que você pensa atualmente sobre o Novo Ensino Médio?

Professor E: Eu penso que a gente também está amadurecendo ainda isso, o professor está amadurecendo, a escola está amadurecendo, até porque na nossa escola ela passa por uma transformação que eu fico toda hora frisando para o aluno, que precisa entender isso, que estão num pós pandemia, numa escola que acabou de se tornar de período integral e passando por uma reforma do Ensino Médio. Então, tem coisas que eles não entendem, o que é reforma do Ensino Médio e o que é da escola integral. Esse ano foi um ano realmente de adaptação para o professor, para o aluno, mas eu penso que quando todo mundo entender de fato esse processo, todo mundo vai conseguir percebê-lo como algo assim, mais positivo, mais abrangente do que era anteriormente.

Entrevistadora: Você acredita que esse Novo Ensino Médio ele fragiliza ou fortalece a Geografia?

Professor E: Eu acho que ele fortalece, porque se eu for falar de Geografia, de repente eu vou ter mais chance de trabalhar a questão social por exemplo, que fez com que um espaço geográfico fosse alterado, fosse ocupado. Se eu for falar em questão de energia por exemplo, a água hoje é o assunto do momento, por que que a água está ficando mais escassa? Quais fatores econômicos fazem com que a agricultura produza cada vez mais e use cada vez mais a água? Que é agricultura é a vilã, é grande vilã do consumo de água. Então eu acho que favorece, porque você consegue englobar as outras questões, você consegue trazer tudo para aquilo que é ciência abordada, de repente pedindo até auxílio do outro do outro colega para ele trabalhar uma questão inclusive, por exemplo da matemática, em que eu consiga trabalhar esses números da Geografia Estatística. Então eu acho que aproxima muito.

Entrevistadora: Você tem alguma outra reflexão ou abordagem para complementar a sua fala sobre o tema?

Professor E: Eu acho que é isso mesmo eu considero a reforma positiva, ao contrário de muita gente eu considero a reforma positiva.

Entrevistadora: Muito obrigada!

ANEXOS

Critérios eliminatórios específicos da obra didática da Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

1.4.1. Na estruturação de todos os volumes da obra didática por área de conhecimento das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, além de seguir os critérios eliminatórios comuns, deve-se:

1.4.1.1. Consolidar e aprofundar os conhecimentos, habilidades, atitudes e valores desenvolvidos no Ensino Fundamental relacionados à Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

1.4.1.2. Assegurar a efetiva aquisição das competências gerais, competências específicas e habilidades relacionadas à Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, de forma integrada com as outras áreas, especialmente com a Área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias.

1.4.1.2.1. No conjunto dos seis volumes da obra didática por área de conhecimento das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, devem ser abordadas a contextualização e problematização da ciência e da tecnologia (em termos antropológicos, sociológicos, históricos, filosóficos e geográficos).

1.4.1.3. Assegurar o desenvolvimento, do ponto das ciências humanas e sociais aplicadas, da análise crítica, criativa e propositiva de temas afeitos aos princípios éticos necessários à construção da cidadania e ao convívio social republicano.

1.4.1.4. Assegurar o desenvolvimento, do ponto das ciências humanas e sociais aplicadas, da análise crítica, criativa e propositiva da produção, circulação e recepção de textos de divulgação científica e de mídias sociais, considerando os elementos que constituem esses textos (em termos de gêneros discursivos) e procedimentos de leitura multimodal e inferencial.

1.4.1.5. Assegurar, no conjunto dos seis volumes, a valorização da prática científica (e da tomada de decisão cientificamente informada), com foco no desenvolvimento de processos de investigação.

1.4.1.6. Explorar conceitos das ciências humanas e sociais aplicadas para resolver problemas na vida cotidiana do estudante, oferecendo sistematicamente subsídios claros e precisos para a tomada de decisão cientificamente informada.

1.4.1.7. Apresentar propostas de atividades envolvendo o uso de representações diversificadas para a construção e a disponibilização da informação referente aos processos geográficos, históricos e socioculturais, incluindo modelos matemáticos e computacionais.

1.4.1.8. Explorar os conceitos com encadeamento lógico, sem recorrer, por exemplo, a definições circulares ou confundir tese com hipótese na explicação dos processos geográficos, históricos e socioculturais.

1.4.1.9. Apresentar, sistematicamente, atividades com estratégias de leitura diversificadas e de produção textual em diferentes gêneros discursivos (a obra deve estar isenta de exercícios de interpretação circunscritos à localização de informações).

1.4.1.10. Trabalhar, em profundidade, com as categorias da área de ciências humanas e sociais aplicadas (tempo e espaço; territórios e fronteiras; indivíduo, natureza, sociedade; cultura e ética; política e trabalho) por meio de diferentes problemas, atividades e vivências.

1.4.1.11. Trabalhar, de forma sistematizada, com diversos processos cognitivos, tais como: observação, visualização, compreensão, organização, análise, síntese, comunicação de ideias científicas; conferindo especial ênfase à argumentação e aos processos de inferência.

1.4.1.12. Trabalhar com limites e potencialidades do relativismo, proporcionando o debate acerca da importância da etnomatemática e da etnociência.

1.4.1.13. Trabalhar com análise de textos com o intuito explícito de desenvolver no estudante a capacidade de identificar e superar fragilidades argumentativas, tais como digressões, generalizações indevidas, incoerências internas, carências de dados, uso de informações não confiáveis etc.

1.4.1.14. Garantir o desenvolvimento do pensamento computacional, por meio de diferentes processos cognitivos (analisar, compreender, definir, modelar, resolver, comparar e automatizar problemas e suas soluções) ao longo dos seis volumes.

1.4.1.15. Garantir o desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal não linear, privilegiando o estudo de fenômenos contemporâneos que contemplem, concomitante, o passado e projeções futuras, à luz de múltiplas percepções de espaço.

1.4.1.15.1. Ganha-se destaque a análise crítica, criativa e propositiva da realidade brasileira contemporânea (inclusive a partir da projeção sistemática de cenários futuros).

1.4.1.16. Garantir a prevalência de metodologias ativas por meio do uso pedagógico de métodos e técnicas de pesquisa social, valorizando a investigação científica e posicionando o estudante no centro do seu processo de aprendizagem. É necessário que os jovens vivenciem, sistematicamente, as práticas de pesquisa relacionadas às Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. O desenvolvimento dessas

práticas deve ocupar espaço central nos volumes, porém, de forma coerente e funcional com o conjunto dos outros elementos composicionais da obra (textos principais, textos complementares, imagens, demais atividades etc.). Ademais, devem ser apresentadas, sempre que necessário, as questões éticas da pesquisa social. Nessa perspectiva, ao longo dos seis volumes, o estudante deve experimentar, ao menos uma vez, cada uma das seguintes práticas de pesquisa:

1.4.1.16.1. Revisão bibliográfica (Estado da Arte).

1.4.1.16.2. Análise documental (princípios de análise de discurso).

1.4.1.16.3. Construção e uso de amostragens.

1.4.1.16.4. Construção e uso de questionários.

1.4.1.16.5. Estudo de caso.

1.4.1.16.6. Estudo de recepção (de obras de arte e de produtos da indústria cultural).

1.4.1.16.7. Observação, tomada de nota e construção de relatórios.

1.4.1.16.8. Entrevistas (com destaque para a semiestruturada).

1.4.1.16.9. Grupo Focal.

1.4.1.16.10. Análise de mídias tradicionais (princípios de análise de discurso multimodal).

1.4.1.16.11. Análise de mídias sociais (análise das métricas das mídias e princípios de análise de discurso multimodal).

1.4.1.16.12. Pesquisa-ação

1.4.1.17. O livro do estudante deve apresentar de forma destacada os seguintes itens:

1.4.1.17.1. Objetivo(s) a ser(em) desenvolvido(s) em cada volume.

1.4.1.17.2. Justificativa da pertinência desse(s) objetivo(s).

1.4.1.17.3. Identificação de todas as competências gerais, competências específicas e habilidades que serão trabalhadas.

1.4.1.17.4. Informações precisas sobre os exercícios, atividades e vivências.

1.4.1.17.5. Referências bibliográficas comentadas e complementares para pesquisa ou consulta (sites, vídeos, livros etc.).

1.4.1.17.6. Conteúdos multimodais (textos verbais e imagéticos) de forma arrojada, criativa e em profundo diálogo com as culturas juvenis.

1.4.1.17.7. Linguagem atrativa aos jovens, mas que mantenha a precisão conceitual.

1.4.1.18. O manual do professor deve apresentar de forma destacada os seguintes itens:

1.4.1.19. A abordagem teórico-metodológica que embasa o tratamento das ciências da humanas e sociais aplicadas no conjunto dos seis volumes de forma integrada (destacando a interdisciplinaridade com as ciências da natureza no que tange à contextualização e à problematização da ciência e da tecnologia).

1.4.1.20. Objetivo(s) a ser(em) desenvolvido(s) em cada volume.

1.4.1.21. Justificativa da pertinência desse(s) objetivo(s).

1.4.1.22. Identificação de todas as competências gerais, competências específicas e habilidades que serão trabalhadas.

1.4.1.23. Texto introdutório que explique como, a partir da abordagem teoricometodológica(s), se articulam o(s) objetivo(s), a(s) justificativa(s) e as principais competências e habilidades que serão trabalhadas.

1.4.1.24. Diferentes propostas de avaliação condizentes com as características da obra didática por área de conhecimento das ciências humanas e sociais aplicadas, tanto de caráter formativo quanto de preparação para os exames de larga escala.

1.4.1.25. Sugestões de cronogramas (bimestral, trimestral e/ou semestral).

1.4.1.26. Proposições e subsídios sistemáticos para a construção de aulas em conjunto com professores de outras áreas de conhecimento, principalmente, com biólogos, físicos e químicos (ciências da natureza).

1.4.1.27. Referências bibliográficas complementares comentadas, para pesquisa ou consulta (sites, vídeos, livros etc.), diferentes das do livro do estudante e que expressem os últimos avanços, nacionais e internacionais, do respectivo campo de ensino.

1.4.1.28. Conteúdos multimodais (textos verbais e imagéticos) de forma arrojada, criativa e atrativa para os professores.